



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

DIOGO MIGUEL ALVES DE ASSUNÇÃO

2006012810

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

**ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA ESCOLA BÁSICA CASTRO MATOSO DE
OLIVEIRINHA**

COIMBRA

2011

DIOGO MIGUEL ALVES DE ASSUNÇÃO

2006012810

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

**ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA ESCOLA BÁSICA CASTRO MATOSO DE
OLIVEIRINHA**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física para cumprir os requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em ensino da educação Física dos ensinos básico e secundário, realizado sob a Orientação científica da professora doutora Elsa Silva da FCDEF-UC e co-orientação do professor Fernando Leite do agrupamento de Escolas de Oliveirinha - Aveiro

COIMBRA

2011

Citação Bibliográfica:

Assunção, D. (2011). *Relatório final de estágio: Estágio Pedagógico na Escola Básica Castro Matoso de Oliveirinha*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; FORMAÇÃO; ESTÁGIO PEDAGÓGICO; PROFESSOR

Pela minha mãe, por tudo o que fez por mim, pela tua paciência,
dedicação, sacrifício e amor...

AGRADECIMENTOS

Gostaria de manifestar a minha sincera e profunda gratidão e apreço a todos aqueles que, de uma forma directa ou indirecta, me ajudaram ao longo deste ano de estágio e que me fizeram ver que a força que reside na amizade é um bem essencial que nos possibilita ultrapassar os desafios que surgem de forma a tingir o sucesso nas várias etapas que a vida nos vai proporcionando.

O meu sincero e merecido agradecimento ao co-orientador Professor Fernando Leite a disponibilidade total prestada ao longo de todo este processo, pela orientação, conselhos, todas as críticas construtivas e transmissão de toda a sua sabedoria que me enriqueceu como professor e como ser humano.

À professora orientadora Elsa Silva pela sua disponibilidade e transmissão dos seus conhecimentos e considerações pertinentes.

Ao Dr. Paulo pelo seu profissionalismo demonstrado e pela delicadeza com que nos sempre recebeu.

Ao Dr. Carlos Lopes, Director da Escola pela forma prestável com que nos recebeu e pela disponibilidade e sensibilidade com que nos apoiou na organização das actividades realizadas.

À Dr. Carla Leandro, pela sua paciência e disponibilidade com que sempre me recebeu, transmitindo-me todos os seus saberes na assessoria da Direcção de Turma.

A todos os (meus) alunos da Escola Castro Matoso, que foram sempre prestáveis, participativos nas actividades e proporcionaram-me vivências que ficarão para a vida.

A todos os professores e funcionários da Escola Castro Matoso pela disponibilidade e forma prestável como sempre me trataram, prevalecendo sempre um espírito fantástico de entreaajuda.

Aos meus colegas Edgar Moreto e Luís Santos, restantes membros do núcleo de estágio, pelo trabalho árduo realizado, pelas dificuldades que sentimos, mas acima de tudo pelo espírito de equipa e coesão que sempre demonstramos, fruto de uma grande amizade.

A todos os meus professores e funcionários da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física que contribuíram para a minha formação inicial e proporcionaram vivências que jamais esquecerei.

A todos os meus amigos que contribuíram no meu processo de formação, sem a amizade deles o sucesso não seria possível. Sempre que foi preciso, nos bons e maus momentos os verdadeiros amigos estiveram sempre presentes.

Os agradecimentos inquestionavelmente mais sentidos vão para a minha mãe, por acreditar nas minhas capacidade, por testemunhar o meu esforço e empenho, pois sem o apoio diário dela, jamais seria possível.

A toda a minha família.

Á minha namorada Vânia, pelo apoio, amor, compreensão e cumplicidade. Pela preocupação diária, por me aturar.

Pai... apesar de não cá estares, tenho a certeza que muito te orgulhas do filho que deixas-te, como também eu muito me orgulho de ser teu filho.

Um muito obrigado a todos vocês.

RESUMO

O “Relatório Final de Estágio” encontra-se inserido na unidade curricular – Estágio Pedagógico, englobado no plano de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O estágio foi desenvolvido na Escola Básica Castro Matoso em Oliveirinha, referente ao ano lectivo 2010-2011.

Pretende-se com este documento relatar as vivencia, dificuldades sentidas e aprendizagens realizadas ao longo de todo o ano. Numa primeira parte será realizada uma descrição das expectativas iniciais referentes ao Estágio Pedagógico, o enquadramento biográfico, da realidade encontrada e das actividades desenvolvidas ao nível do planeamento a longo, médio e curto prazo através da elaboração do plano anual, Unidades Didácticas, extensão e sequência de conteúdos e planos de aula, a nível da realização da intervenção pedagógica, a nível da avaliação das aprendizagens e produtos do processo e a nível da atitude ético – profissional, justificando as opções tomadas. Numa fase posterior deste documento, terá um carácter mais reflectivo acerca das aprendizagens realizadas como estagiário, compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação das práticas pedagógicas, dificuldades sentidas e formas de solução, importância da formação contínua dos professores, capacidade de iniciativa e responsabilidade demonstrada pelo estagiário, importância do trabalho individual e em grupo, levantamento de algumas questões dilemáticas e é feita uma conclusão referente à formação inicial através da abordagem do impacto do Estágio na realidade do contexto escola, prática pedagógica supervisionada e experiência pessoal e profissional.

Os moldes como se encontra estruturado o Estágio Pedagógico apesar de ser um processo exaustivo, é gratificante, pois contribui para a formação contínua do professor estagiário, aproximando-o da realidade escolar e da prática educativa desenvolvida na nossa sociedade.

O Estágio Pedagógico permitiu-me evoluir não apenas como profissional mas também como pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; FORMAÇÃO; ESTÁGIO PEDAGÓGICO; PROFESSOR.

ABSTRACT

The “Final Traineeship Report” is inserted in the teaching unit Pedagogical Traineeship, included in the study plan from the Masters in Teaching of Physical Education in Primary and Secondary Education, from the Faculty of Sport Sciences and Physical Education at University of Coimbra. The traineeship was developed at the primary school Castro Matoso in Oliveirinha, in the school year of 2010-2011.

The purpose of this report is to describe the experiences, difficulties and learning that took place throughout the whole year. In a first phase, a description will be made about the initial expectations for the Pedagogical Traineeship, about how my biography fits in with the course, the reality that I was faced with and the activities that were developed, concerning the long, medium and short-term planning, by elaborating an annual plan, followed by elaborating teaching units and length and sequence of its content, and the lesson’s structure; concerning the realization of pedagogical intervention; concerning the assessment of learning and its byproduct, and concerning the ethic and professional attitude, justifying all the choices that were made. In a posterior phase, this report will have a more reflexive character about the learning that took place as a trainee, about the commitment with the students’ learning, as well as the innovation of pedagogical methods, the difficulties felt and the solutions taken to counter them, the importance of teachers’ continuous formation, the capacity of initiative and responsibility demonstrated by the trainee, the importance of individual and group work, and raising of some dilemmatic questions. Finally, a conclusion is made regarding the initial formation by addressing the Traineeship impact in the reality of school context, the supervised pedagogical practice, and personal and professional experience.

The mold in which the Pedagogical Traineeship is structured on, although being an exhausting process, it is rewarding, as it contributes to the trainee teacher’s continuous formation, approaching him to schools’ reality and educational practices developed in our society.

The Pedagogic Traineeship allowed me to evolve not only as a professional but also as a person.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION; FORMATION; PEDAGOGIC TRAINEESHIP; TEACHER.

ABREVIATURAS E SIGLAS

DT	Director de Turma
EF	Educação Física
EP	Estágio Pedagógico
FCDEF-UC	Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Coimbra
F.S.C	Fiães Sport Clube
JDC	Jogos Desportivos Colectivos
UD	Unidade Didáctica

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO	4
REALIDADE ENCONTRADA	6
Escola	6
Recursos Materiais	6
Corpo Docente	8
Grupo de EF	8
Orientadores	9
Turma	10
DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	11
PLANEAMENTO.....	11
Plano Anual.....	12
Unidades Didácticas	13
Planos de Aulas	14
REALIZAÇÃO	16
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	19
Instrução.....	19
Condução da Aula	21
Gestão Pedagógica	22
Disciplina/Clima	23
Decisões de Ajustamento.....	25
AVALIAÇÃO	26
Avaliação Diagnóstica	26
Avaliação Formativa	27

Avaliação Sumativa	28
Avaliação Teórica	29
COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	29
Justificação das opções tomadas	30
REFLEXÃO	32
Ensino Aprendizagem	32
Aprendizagens realizadas como estagiário.....	32
Compromisso com as aprendizagens dos alunos	35
Inovação nas práticas pedagógicas	37
Dificuldades e Necessidades de Formação.....	39
Dificuldades sentidas e formas de resolução	39
Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua.....	42
Ética profissional	44
Capacidade de iniciativa e responsabilidade	44
Importância do trabalho individual e de grupo.....	45
Questões dilemáticas	46
CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL	48
Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar	48
Prática pedagógica supervisionada.....	50
Experiência pessoal e profissional.....	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXO.....	56

INTRODUÇÃO

As alterações produzidas pela implementação do Processo de Bolonha colocaram o Estágio Pedagógico (EP) como uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física (EF) nos Ensinos Básico e Secundário. A proximidade do EP com o fim de um ciclo de estudos confere a importância que este deve ter, porque a sua vivência assume-se como fundamental na formação inicial de ser professor. Segundo o guia de Estágio *“O EP tem por função final a profissionalização de novos docentes através de um processo de prática profissional autónoma, embora orientada e supervisionada, com a duração de um ano lectivo”*. Encontra-se estruturado em duas grandes dimensões: Actividades de ensino-aprendizagem, nas quais se enquadram as categorias de planeamento, realização e avaliação, e a dimensão da atitude ético - profissional. Na organização do EP, a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC) estabelece protocolos com várias escolas do ensino básico e secundário, que é o local de realização do EP, sendo que este é orientado por um professor da FCDEF-UC em colaboração com o professor cooperante, que é um docente da escola onde tem lugar a Prática de Ensino Supervisionada.

O Relatório de EP é um documento personalizado, visto que as experiências de cada estudante estagiário são marcadas pelas “impressões digitais” do contexto em que se inseriu. A singularidade de cada experiência molda-nos para actuar em idênticas situações futuras e este relatório assume-se como uma prova de todas as vivências do processo de EP. Do mesmo modo, pretende evidenciar o desenvolvimento de competências nos domínios de intervenção enunciados, que pressupõem o recurso à ciência como catalisador fundamental da intervenção.

O presente relatório contém inicialmente uma introdução, de seguida, sucintamente são exibidas as expectativas iniciais em relação ao EP é feita uma descrição da realidade encontrada e das actividades desenvolvidas, nomeadamente, planeamento, realização, avaliação e ética profissional, onde são discutidas as opções tomadas e sua justificação. Posteriormente, de forma mais reflexiva serão abordados três pontos que são fundamentais, sendo eles processo de ensino – aprendizagem, dificuldades e necessidades de formação, ética profissional, questões dilemáticas e por último as conclusões referentes à formação inicial.

ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

REFLEXÃO AUTOBIOGRÁFICA – IDENTIFICAÇÃO E PERCURSO

O meu percurso pessoal foi sempre marcado pela presença do Desporto. Em criança aproveitava para brincar, principalmente na rua, de uma forma forma lúdica, até ao anoitecer.

Desde muito novo que comecei a jogar Futebol. Iniciei sensivelmente com 11 anos o meu percurso como jogador de futebol federado e era um espectador atento de jogos ao vivo. Adoro ver jogos, seja qual for a modalidade, gosto de observar e efectuar a minha auto-análise. Paralelamente a esta prática, tive as minhas primeiras aulas de natação, contudo o gosto pelo Futebol foi mais forte e acabei por me dedicar apenas a ele. A prática federada de Futebol prolongou-se até aos 18 anos. Nesta minha carreira futebolística, destaco a conquista do campeonato da I divisão distrital de Aveiro do escalão de juniores, ascendendo assim, aos campeonatos nacionais dessa categoria.

Na escola primária as vivências ao nível da EF foram quase nulas, contudo não saí prejudicado com essa impossibilidade, porque os intervalos e o tempo livre, eram espaços de liberdade e de recreação, nos quais a actividade física marcava sempre presença, situação que é nos dias de hoje menos comum. Do 5º ao 9ºano as aulas de EF foram predominantemente dedicadas aos desportos colectivos, devido a constrangimentos de natureza diversa da escola que frequentava, não existiam instalações para a prática da Natação e para as outras modalidades, para a Ginástica, as condições não eram as ideais (esta era abordada numa sala de aula, que possuía apenas alguns colchões). Tudo isto justifica, em certa medida, as dificuldades que senti desde o ingresso no 10ºano até os dias de hoje nas modalidades de Ginástica e de Natação, o que não se verificou nos desportos colectivos e no Atletismo, em que todos os anos fui apurado para o Corta-Mato Distrital.

Na escola, todas as aulas de EF eram cumpridas com grande satisfação e empenho e por isso foi com grande naturalidade que na altura de fazer opções não existiram dúvidas – no 10º ano escolhi desde logo a área de científico – natural - Desporto e desde então tudo seguiu o caminho já há muito objectivado. Com o pressuposto de jovem que queria chegar à vida adulta com a oportunidade de fazer aquilo que realmente gostava e que me dava prazer, a minha opção não podia ser outra –

certamente que não nada me dá mais satisfação do que praticar desporto e transmitir o gosto por essa prática aos meus educandos, sejam eles alunos ou atletas.

Em 2006 ingressei finalmente na Faculdade de Ciências do Desporto e EF da Universidade de Coimbra, a instituição de Ensino Superior com mais prestígio do País, e na qual eu me orgulho muito de me ter formado. O ingresso no Ensino Superior, neste caso na FCDEF-UC, foi o culminar de um sonho. Em todas as minhas imagens de infância, via-me, no futuro, como professor de EF. Todas as vivências levaram-me a perceber o desporto não apenas pelo prazer da sua prática mas também como uma forma de educar e de estar. Em 2009 licenciiei-me em Ciências do Desporto, com o processo de Bolonha já em vigor, tendo no ano seguinte iniciado o Mestrado de Ensino da EF dos Ensinos Básico e Secundário, na mesma Faculdade. Em simultâneo, iniciei o meu percurso como treinador de Futebol do Fiães Sport Clube (F.S.C), mais propriamente na escola de futebol “Os Fiãesinhos”, colaborando e ajudando os treinadores principais dos escalões de traquinas B e Petizes B, dando um grande contributo para o desenvolvimento e crescimento da escola. Na época desportiva actual, fui promovido a treinador principal do escalão de Petizes B do F.S.C. Esta ligação ao Futebol e o contacto que este me proporcionou com crianças com tenras idades, deu-me e continua a dar um conjunto de elementos importantes no âmbito do ensino, nomeadamente as que se prendem com as questões da gestão, da instrução e do relacionamento pessoal. No entanto, importa referir que existem diferenças consideráveis com o ser professor numa escola.

O meu percurso na Faculdade foi realizado sem grandes sobressaltos, não obstante algumas dificuldades em determinadas áreas. Desenvolvi imensas capacidades devido à grande diversidade de disciplinas e áreas que o plano de estudos da FCDEF-UC proporciona, alargando, desse modo, os meus conhecimentos, tornando-me mais eclético e abrindo novas possibilidades de emprego. Após concluir a licenciatura em Ciências do Desporto, ingressei de imediato no Mestrado de Ensino da EF dos Ensinos Básicos e Secundários, o qual finalizo este ano.

EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO

As minhas expectativas antes de iniciar o EP eram muito elevadas, pois era o momento mais esperado por mim, o contacto real com os alunos e demais intervenientes da escola. Este ano finalizará um longo processo de formação académica e um início de uma carreira profissional que se pretende que seja de enorme sucesso, tanto para mim, como também gratificante para os restantes agentes educativos que me acompanham no dia-a-dia (alunos, professores, funcionários, etc.), através da realização de um trabalho consciente capaz de modificar hábitos de vida cada vez mais sedentários e elevar os níveis de formação física e desportiva dos alunos, bem como transmitir-lhes valores e atitudes imprescindíveis para se integrarem na nossa sociedade.

Estava ciente que não seria fácil, a experiência era praticamente inexistente e tinha que me adaptar às adversidades que ocorreriam ao longo deste ano. É por estes factores e por outros quem, o facto de ter optado pelo caminho do ensino me entusiasma, pois teremos que demonstrar acima de tudo profissionalismo, por termos uma causa a defender e a cumprir, não só ensinar a EF aos alunos, mas também formar cidadãos capazes de se integrarem da melhor maneira na sociedade.

Pretendia valorizar uma relação afectivamente positiva com os alunos e adquirir competências essenciais para o futuro, como professor. No desempenho da função organizativa, de Director de Turma (DT), as expectativas eram imensas, apesar de ter um pequeno conhecimento das suas funções, desconhecia as suas tarefas a realizar. Esta assessoria de um cargo de gestão está inserida na disciplina de Administração Escolar, cargo esse que está cada vez mais presente na profissão de professor e que me fascina bastante desempenhar. A constante comunicação com os pais e seu envolvimento no processo formativo, mostram-se ser competências essenciais hoje em dia, mas acima de tudo, ter uma relação mais próxima com os meus alunos permitindo obter uma vasta informação individual que um outro professor normalmente não tem.

Relativamente ao processo ensino - aprendizagem, as minhas expectativas sempre foram muito elevadas, a ansiedade era o sentimento que mais prevalecia na minha mente, dada a importância que o EP aufere, sendo por ventura, o auge da formação de um estudante de EF, e a possibilidade de poder colocar em prática todo o conhecimento adquirido ao longo de todos estes anos de formação académica. Talvez este tenha sido o meu maior receio e dificuldade, a barreira entre a teoria e a prática.

“Este momento assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes "teóricos" da formação inicial e os saberes "práticos" da experiência profissional e da realidade social do ensino” (Piéron, 1996).

O conflito entre professor-aluno, cada vez mais frequente nesta nossa nova sociedade, têm-se agravado, por isso antes de iniciar o estágio dava e dou extrema importância ao controlo disciplinar. Sem um bom controlo disciplinar é difícil desenvolver um processo de ensino – aprendizagem de qualidade. Por isso esperava ser capaz de transmitir aos alunos os conteúdos necessários e programados no Programa Nacional de EF e permitir, aos mesmos, a aquisição de habilidades e capacidades básicas de forma a desempenhar o meu papel com coerência, com grande profissionalismo e competência acima de tudo.

Dito isto, o Estágio Profissional constitui o contacto formal autónomo com a realidade do ensino da EF. A prática docente, as actividades de dinamização e de integração na escola vão proporcionar-me uma experiência que condicionará a minha futura prática profissional.

“A universidade fornece a teoria, os métodos e as competências; a escola fornece a teoria, os métodos e as competências; e os formandos o esforço individual no sentido de integrar tudo isso numa relação dialéctica entre teoria e prática.” (Britzman, 2003)

REALIDADE ENCONTRADA

Escola

As actividades de EP decorreram na Escola Básica Castro Matoso, escola sede do agrupamento de escolas de Oliveirinha.

A Escola C+S de Oliveirinha iniciou o seu funcionamento, no ano lectivo de 1988/1989, ainda sem instalações próprias (Escola de Esgueira), tendo posteriormente ocupado o espaço actual de funcionamento no ano lectivo de 1991/1992. Mais tarde, adquiriu a denominação de E.B. 2, 3 Castro Matoso, em homenagem a Francisco de Castro Matoso da Silva Corte Real, personalidade de Oliveirinha que viu reconhecida a sua importância pelo Conselho Pedagógico, Associação de Pais, Presidente da Junta de Freguesia e Conselho Directivo da E.B. 2, 3 de Oliveirinha.

No ano de 1999, mais exactamente no dia 1 de Setembro de 1999, é formado o Agrupamento de Escolas de Oliveirinha que tem na Escola Básica Castro Matoso a sua sede e integra, na sua estrutura vertical, jardins-de-infância (ensino pré-escolar) e escolas de 1º ciclo de diversos lugares e freguesias vizinhas da Vila de Oliveirinha. Actualmente, este agrupamento é composto por um conjunto de 801 alunos distribuídos pelos jardins-de-infância, escolas de 1º ciclo e a Escola Básica Castro Matoso.

Ao nível da Escola Básica Castro Matoso, o número de alunos que a frequenta é de 397, distribuindo-se desde o 5º ano até aos cursos de CEF – Serviço de Mesa/Cozinha. Em relação ao número de turmas, existem três turmas do 5º ano, quatro turmas do 6º ano, três turmas do 7º ano, quatro turmas do 8º ano, três turmas do 9º ano e uma turma do CEF – Serviço de Mesa/Cozinha.

Recursos Materiais

A Escola apresenta uma tipologia de Escola Básica (2º e 3º ciclos/24), ou seja, encontra-se preparada para acolher 24 turmas do 2º e 3º ciclo, em regime de funcionamento normal. A estrutura física da Escola encontra-se num estado de conservação razoável com 24 espaços destinados a fins curriculares. Ao nível da disponibilização de espaços lúdicos e de ensino, para os alunos da escola, a mesma encontra-se dotada de uma Biblioteca Escolar, Laboratórios, Oficinas, Salas de Aula e Sala de TIC. Para além destes espaços existe também um PBX, Secretaria, Reprografia, Bar, Cantina, Espaço de convívio para alunos, Sala de Professores, Gabinete Médico,

Sala para Directores de Turma e para Psicóloga e espaços destinados aos alunos e professores, fundamentais ao funcionamento da escola.

No que diz respeito à EF, trata-se de uma Escola com óptimas condições para esta disciplina, permitindo abordar um leque alargado de modalidades desportivas e possibilitar aos seus alunos a prática de múltiplas actividades, incentivando os professores a quebrarem rotinas “decadentes”, mostrando aos seus alunos e a toda a comunidade escolar, que EF não é “colocar os alunos a correr e a jogar futebol”. Assim, as condições espaciais não influenciam pela negativa o processo de planificação do professor, como acontece em muitas escolas do país. Antes pelo contrário, é propícia a um ensino de qualidade e com variabilidade, permitindo que os alunos tenham muitas experiências desportivas, que não são possíveis em outros estabelecimentos de ensino.

Na leccionação da disciplina de EF, a Escola Básica Castro Matoso, apresenta espaços exteriores e interiores. Ao nível dos Espaços Exteriores é possível leccionar praticamente todas as Unidades Didáticas (UD) incluídas no Programa Nacional de EF, sendo o piso de alcatrão. Os espaços interiores estão inseridos no Pavilhão Gimnodesportivo, inaugurado em 2000, e que possui uma Sala para Professores, Balneários, Arrecadação, Espaço de Actividade para Modalidades como Jogos Desportivos Colectivos (JDC), Desportos de Raquetas, Desportos Individuais, etc., e ainda de um Ginásio onde são leccionadas as matérias de Ginástica (Aparelhos e Solo) e Dança.

Os espaços de aula são identificados através de uma ordenação numérica que determina como Espaço 1 o espaço interior do pavilhão gimnodesportivo, o Espaço 2 o ginásio do pavilhão gimnodesportivo, o Espaço 3 o espaço exterior de maiores dimensões e o Espaço 4 o espaço exterior de dimensões mais reduzidas.

Corpo Docente

A escola contém 59 docentes, dos quais 4 são do ensino especial e 2 são formadores.

De entre os 59 professores e formadores que constituem o pessoal docente da Escola Básica Castro Matoso, três são os elementos que fazem parte da direcção do agrupamento.

O contacto com os docentes das outras disciplinas foi sempre de grande proximidade e profissionalismo. Essa proximidade ia além do contacto com os mesmos nas reuniões de Conselho de Turma, permitindo assim aos elementos do núcleo de estágio, um maior conhecimento das diferentes áreas de intervenção. O convívio e o bom relacionamento prevaleceram sempre, durante todo o ano, e esse aspecto será sempre importante de salvaguardar. Contudo, tivemos mais proximidade com uns docentes do que com outros, que desde o início nos colocaram à vontade.

Senti-me sempre muito bem, mantendo o espírito de querer aprender cada vez mais, dia após dia, essencialmente com os docentes mais velhos e experientes. E quando assim é, o trabalho realizado em grupo, com entre – ajuda, torna-se mais produtivo e com maior qualidade.

Grupo de EF

O grupo de EF pertence ao departamento de expressões, sendo composto por três professores que leccionam o 2º ciclo e dois professores para o 3º ciclo. A este conjunto de professores acresce o Núcleo de Estágio de EF.

Todos os elementos do departamento apoiaram sempre o núcleo de EF, disponibilizam-se para o que fosse preciso, essencialmente nas tarefas a realizar. Destaco, para além da orientação do professor Fernando Leite, os conselhos sempre pertinentes da professora Lúcia e a boa disposição de todos, principalmente do professor José Teixeira, com o qual passamos grande momentos de alegria, e o registo fotógrafo e audiovisual das nossas actividades por parte do professor Paulo de Educação Visual.

Orientadores

O professor da escola, professor Fernando Leite, demonstrou ser capaz de cumprir com as suas tarefas enquanto orientador, ajudando e defendendo o núcleo de estágio em tudo o que foi preciso. Esta defesa do núcleo é fundamental, porque neste ano inicial, o estagiário é “lançado” para a realidade do ensino e o papel do orientador é de extrema importância para o sucesso da actividade pedagógica.

Quanto ao Orientador da faculdade, Professora Elsa Silva, saliento toda a sua simpatia, encorajamento e disponibilidade para nos ajudar na resolução de qualquer problema. É de salientar, com particular acuidade, a forma pedagógica como reflecte as aulas dos estagiários, mostrando uma grande capacidade de observação, um domínio invejável da didáctica da EF e um aspecto, que a meu ver é de extrema importância: a sensibilidade de relacionar o nosso desempenho como professor com o tipo de turma que temos à frente e meio envolvente.

O Professor Orientador da Faculdade é o responsável máximo pelo EP, coordenando o núcleo. O professor cooperante é fundamental no processo, pois é ele que protagoniza o processo de ensino – aprendizagem e é segundo Alarcão e Tavares (cit. Por Albuquerque, 2003) “um professor com mais experiência e com mais informação que orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. É este que está presente no dia-a-dia, que obriga à existência da reflexão de todo o processo, que acompanha os estudantes estagiários na sua evolução.”

Núcleo de Estágio

O núcleo é constituído por três elementos, professores estagiários, responsáveis pela leccionação da disciplina de EF de duas turmas do 8º ano e uma do 7º ano.

A formação inicial do grupo deixou-me bastante satisfeito e motivado, pelo facto de todos nos conhecermos e sermos amigos, aspecto esse que contribuiu também para o bom relacionamento durante todo o ano, no qual prevaleceu sempre um espírito de ajuda, amizade e coesão.

Eu, o Edgar e o Luís já nos conhecíamos da formação inicial. Quanto ao Carlos, fomentamos uma óptima relação; contudo este, por motivos profissionais, teve necessidade de abandonar as actividades do EP. A distribuição do trabalho foi sempre

feita de forma correcta, para não sobrecarregar nenhum dos elementos, com o intuito de contribuir para um produto final de qualidade.

A vontade sempre demonstrada por todos os elementos do grupo em realizar um trabalho responsável, dinamizador e criativo foi fundamental, para unir todos os elementos do núcleo em prol do mesmo objectivo e, assim, contornar os vários obstáculos que foram surgindo ao longo do ano lectivo.

Turma

Numa fase preparatória foi realizado um estudo à turma, com vista à sua caracterização e a um maior conhecimento de todos os elementos dela constituinte.

A turma que me incumbiu leccionar a disciplina de EF, do 7º ano, é constituída por 21 alunos, dos quais, dois têm necessidades educativas especiais. Cinco são do sexo feminino e dezasseis são do sexo masculino.

Trata-se de uma turma muito barulhenta, irrequieta e conversadora. Caracteriza-se pela sua heterogeneidade: tem alunos muito bons, com um nível psicomotor e cognitivo elevado e outros com muitas dificuldades. Contém ainda um aluno que se encontra a repetir o 7º ano de escolaridade. Um outro aspecto importante, foi a transferência, para outro estabelecimento de ensino, de um aluno que era dos melhores em todos os níveis.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Relativamente às actividades desenvolvidas, passo a descrever os meus procedimentos orientadores e utilizados, tendo em consideração os níveis de intervenção que a didáctica prescreve como centrais, sendo eles o planeamento, realização, avaliação e atitude ético – profissional, com o apoio dos programa da disciplina a Lei 14/86, de 14 de Outubro [Lei de Bases do Sistema Educativo].

PLANEAMENTO

Como refere o guia de estágio, *“o objectivo desta dimensão é desenvolver no estagiário competências profissionais relativamente ao planeamento do ensino, fundamentalmente nos conhecimentos profissionais e científicos, de forma a atender ao enunciado dos programas oficiais, através duma selecção de objectivos, conteúdos, metodologias de ensino e estratégias adaptadas à realidade do contexto...”*. Segundo Bento (2003) *“o planeamento do professor de EF tem para objectivo direccionar o essencial das exigências dos conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta”*. Neste sentido, e independentemente do nível de planeamento, é fundamental o professor centrar-se no essencial e incidir nos principais pontos. Identificando o planeamento como uma acção determinante de antecipar as acções do processo de ensino – aprendizagem como intenção, embora nem sempre se consiga desenvolver e executar de acordo com o planeado. O planeamento é fundamental, visa dar coerência a um trabalho realizado na posterioridade. Este processo é, sem dúvida, um dos trabalhos mais exigentes de todo o ano de estágio, revestindo-se de uma importância notória ao fornecer ao professor um leque de informações fulcrais, para o desenvolvimento do seu trabalho que se espera de qualidade. *“A planificação é o elo de ligação entre pretensões, imanescentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática. É uma actividade prospectiva situada e empenhada na realização do ensino”* (Bento, 1987).

Irei de seguida descrever o que foi realizado no planeamento seguindo a ordem do nível macro – meso – micro, ou seja, do mais geral para o mais específico, com as diferentes caracterizações, passando pela elaboração do plano anual, construção das UD e para finalizar os planos de aula.

Plano Anual

Na elaboração do plano anual tive em conta, não só os programas de EF, mas também as decisões tomadas ao nível do departamento de EF, o que por si só condiciona o Plano Curricular de EF e o plano anual de actividades. O plano anual consiste essencialmente num mapa cronológico das diferentes actividades de ensino ou UD a desenvolver durante o ano lectivo, onde devem constar as horas atribuídas a cada uma dessas actividades. Este foi um elemento balizador de todo o processo de planeamento durante o ano lectivo, aludindo-se a título de exemplo, as decisões do número de aulas para cada unidade didáctica, a realização de eventos e as datas das avaliações. Antes da elaboração definitiva do plano anual deve-se realizar uma série de trabalhos que estão subjacentes ao plano anual

O primeiro passo do planeamento é a realização da caracterização da turma (Anexo 1) e do meio. Através de uma vasta pesquisa documental, com o apoio da direcção da escola que facultou alguns documentos importantes (como o regulamento interno, projecto educativo e organigrama), foi possível uma realização adequada e correcta dessa caracterização, proporcionando assim juntar um extenso leque de informação acerca do meio e contexto envolvente, que no caso do Agrupamento é de alguma carência, nível socioeconómico baixo e conflituoso. Por outro lado, debruçamo-nos também na sistematização dos espaços e materiais envolventes e em especial os de EF, através da realização de um inventário do material e análise do roulement ((Anexo 3) rotatividade pelos espaços por parte dos professores), que depois da sua análise efectuamos a distribuição das várias matérias ao longo do ano – planeamento anual (Anexo 2). O mapa de ocupação dos espaços foi-nos fornecido no início do ano lectivo, para a leccionação das aulas. Este trabalho desenvolvido é fundamental para os professores novos na escola, como o nosso caso, que numa fase inicial não tem o conhecimento dos espaços, do seu funcionamento e do tipo de material existente, condicionando assim, as possibilidades e limitações que deveríamos ter em conta no planeamento das aulas.

Na caracterização do meio, tivemos necessidade de referir e efectuar uma pesquisa acerca do enquadramento geográfico, o nível socioeconómico, enquadramento cultural e histórico do agrupamento de escolas de Oliveirinha, recursos humanos existentes, órgãos de administração e gestão escolar, entre outros aspectos que achamos

de grande pertinência. Com a realização desta caracterização, foi nossa esperança criar uma imagem nítida do meio em que se insere o agrupamento e caracterizar devidamente a escola na qual exerceremos a função de professor. A caracterização realizada inicialmente à turma, fornece-nos alguns dados importantes sobre os alunos e a turma em geral, ficando a conhecê-la melhor, através de uma análise rigorosa dos resultados. Obtive, assim, os dados pessoais de cada aluno, idade, hábitos, rotinas diárias, prática desportiva, eventuais doenças, entre outros aspectos, concedendo um melhor conhecimento de cada aluno ao professor. Também foi realizado por mim o teste sociométrico, com vista a um melhor conhecimento da turma. Este estudo tem como objectivo caracterizar a turma, possibilitando a criação de grupos de trabalho, tanto nas aulas de EF como nas restantes disciplinas, permitindo aos professores desenvolverem as estratégias mais adequadas à situação real dos próprios alunos, indo ao encontro das suas preferências e rejeições e tentando criar um clima positivo, sem menosprezar as suas características afectivas, psicológicas e sociais.

No ensino deve-se traçar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um amplo período de tempo. É a partir dele que se definem e estipulam os momentos chave.

Unidades Didácticas

A elaboração das UD baseou-se, primeiramente, nas indicações programáticas da disciplina para o 3º ciclo do Ensino Básico, bem como na realização da avaliação diagnóstica feita para cada matéria, tendo em conta as condições materiais e temporais disponibilizadas. Segundo Bento (1998), as UD são partes integrantes e fundamentais do programa de uma disciplina, pois constituem-se unidades integrais do processo pedagógico e apresentam ao professor e aos alunos etapas bem distintas do processo de ensino – aprendizagem.

Inicialmente foi elaborado um documento contendo a extensão e sequência de conteúdos (Anexo 4) por cada matéria, contemplando o tempo e o espaço de forma a assegurar a eficiência do processo de ensino – aprendizagem e enriquecer a bagagem psicomotora dos alunos, através de uma distribuição e sequência lógica dos elementos técnicos de cada uma das UD por aula. *“A escolha dos conteúdos a abordar das diferentes matérias constitui um dos problemas mais complicados da pedagogia.”*. Bento (1987). Após a realização da avaliação diagnóstica de cada UD, além de analisar

o desempenho dos alunos, elaborei um documento com os objectivos a atingir para cada UD e as estratégias que iriam ser utilizadas para alcançar esses mesmos objectivos. Esta documentação foi imprescindível e de grande utilidade para o auxílio da minha acção educativa. A construção destas UD seguiram um padrão idealizado pelos elementos do núcleo e tiveram por base os conteúdos contemplados no plano anual de escola, para a disciplina de EF. Este foi elaborado com base nas metodologias e linhas orientadoras dos programas oficiais e o número de aulas estabelecido anteriormente para a sua leccionação bem como a disponibilidade dos recursos espaciais existentes, tendo sempre em conta o roulement. No final da leccionação de cada UD foi realizado um balanço final, onde exponho como estas se desenvolveram, elaborando uma análise da evolução dos alunos e principais dificuldades que senti. Também é feita uma justificação das opções tomadas. As UD foram praticamente todas vítimas de ajustamento ao longo da sua leccionação, uma vez que, aquando da avaliação formativa, senti necessidade de proceder a alterações com vista a aumentar a qualidade do processo e atingir assim os objectivos e competências do final de ciclo, reajustando o planeamento preconizado.

Um outro aspecto que devo salientar é a unidade didáctica da Condição Física, que tem um cariz diferenciado, devendo esta ser desenvolvida transversalmente das restantes. O planeamento da Condição Física foi elaborado com algumas incoerências e, por isso, os resultados não foram notórios, nem os mais pretendidos. O planeamento da exercitação das diferentes capacidades motoras foi realizado tendo em conta as datas de alguns eventos, especificamente o Corta-Mato. Assim, nas aulas anteriores contemplei uma preparação específica para esta actividade – resistência aeróbia. Contudo, o desenvolvimento da Condição Física não foi o objectivo principal das aulas, porque não o aplicava com vista aos possíveis ganhos no rendimento em determinada modalidade (essencialmente colectiva).

Planos de Aulas

A elaboração dos planos de aula (Anexo 5) foi, por ventura, a última etapa do planeamento, pois estes constituem uma unidade básica e de extrema importância do planeamento das aulas do professor. Esta seguiu os parâmetros enunciados e pretendidos no guia de Estágio, decididos em conjunto pelos membros do núcleo de estágio no início do ano, com a concordância e orientação do professor Fernando Leite.

Numa fase inicial, senti algumas dificuldades na construção dos planos de aula, demorando algum tempo, não só na escolha dos exercícios mais adequados para alcançar os objectivos, mas também na esquematização, na definição do tempo parcial de cada tarefa, dando maior ou menor importância a cada uma. Tudo isto resultou numa análise cuidada, de modo a que os resultados fossem os desejados. Com o passar do tempo, fui ganhando mais experiência e senti-me cada vez mais tranquilo e confiante, realizando os planos de uma outra forma, tendo outros aspectos em consideração que também são muito importantes, como o tempo de transição e o tipo de organização da aula, aspecto que fui melhorando consideravelmente, à medida que fui cometendo alguns erros. A próxima observação do orientador Fernando Leite fez com que eu percebesse melhor como se deve escalonar o plano, superando assim as dificuldades sentidas inicialmente. O plano de aula assegurou-se como um elemento decisivo na realização do EP. Este foi o roteiro da minha intervenção e permitiu-me antecipar o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, torná-lo mais rentável e coerente. Inicialmente demorava muito tempo na elaboração de um plano de aula, fruto de alguma indefinição sobre a organização dos alunos ou dos exercícios, em que tinha como principal objectivo controlar a turma disciplinarmente e definir criteriosamente as rotinas para a aula.

No processo de planificação, para além das preocupações relativas à gestão do tempo, do controlo disciplinar da turma e dos conteúdos a abordar, nesta fase é indispensável realizar o “filme da aula”, de forma a antecipar possíveis imprevistos e procurar soluções. Quando comecei a conseguir realizar este “filme”, comecei a ir para as aulas mais confiante, pois levava na “bagagem,” algumas possíveis soluções. Contudo, reconheço que é impossível antecipar na totalidade uma aula, pois esta é um momento único, sujeito às mais variadas contingências.

De realçar, também, o papel da reflexão no processo de planeamento das aulas, pois reflectir sobre uma aula tem repercussões no planeamento da aula seguinte. Aquando da elaboração de um plano de aula, deve ter-se em consideração o que se fez na aula anterior e também ter em conta que, o que se faz hoje, vai ter conseqüências no amanhã.

A essência do plano de aula é complexa, pois obriga a jogar com um elevado número de variáveis, que vão desde a matéria de ensino, às características dos alunos, às

condições materiais e espaciais, entre outros aspectos. Mas, mais importante que a planificação é a concretização dos seus propósitos, neste caso, a realização da aula. Isso nem sempre é possível, por variadíssimas razões, e todos os professores têm que ter a capacidade de adaptar o planeado em conformidade com o que pode ser realizado.

REALIZAÇÃO

Segundo Siedentop (1983) *“a competência pedagógica é desenvolvida à medida que o professor vai exercendo a sua profissão, pois ela é o domínio da actividade do professor no processo pedagógico”*.

Neste ponto, posso incluir as actas das reuniões realizadas pelos elementos do núcleo de estágio, a observação pedagógica realizada, ou seja, a observação das aulas dos colegas estagiários e do orientador e o registo das presenças e do comportamento dos alunos.

Actas das Reuniões do NEEF

Ao longo do ano lectivo de EP, uma vez por semana, o Núcleo de Estágio de EF da Escola Básica Castro Matoso reunia-se de forma a trocar algumas ideias e esclarecer eventuais dúvidas relativamente ao processo de ensino da referida semana, não descurando outros assuntos que o professor orientador Fernando Leite achava pertinente discutir. As reuniões foram sempre vistas como uma mais-valia, essencialmente de reflexão e transmissão de ideias, de pontos de vista diferentes entre o orientador e os estagiários. Foi definido que a realização das actas destas reuniões seria elaborada pelos estagiários alternadamente. Era pretendido com isto, que o estagiário adquirisse capacidade e mestria na elaboração deste tipo de documentos, que são muito usuais no sistema educativo. Inicialmente, senti algumas dificuldades na elaboração destes documentos; no entanto, com uma explicação do professor Fernando Leite do que se pretendia e com o desenvolvimento dos acontecimentos, fui aperfeiçoando as linhas de orientação e, neste momento, posso afirmar que sou capaz de escrever uma acta, pelo menos conheço a lógica e modo de estruturação, qualquer que seja a sua índole (conselho de turma, científico, departamento, núcleo, etc).

Observação Pedagógica

Cada estagiário teve no mínimo de observar uma aula por mês do orientador e uma por semana de um colega de estágio. Para este capítulo e de forma a facilitar e desenvolver uma análise e reflexão de qualidade, foi inicialmente elaborado uma grelha de observação de aulas (Anexo 6).

A observação de outras aulas permite desenvolver no estagiário capacidades importantes para a detecção de situações, que durante a leccionação das suas próprias aulas não se apercebe. Esta constante observação possibilitou-me identificar os erros e os aspectos mais positivos da intervenção dos meus colegas de estágio, bem como do professor orientador, e efectuar um transfere para as minhas aulas, nas quais cometia, por vezes, os mesmos erros, além de aproveitar os aspectos positivos dessa observação para melhorar e apetrechar com mais qualidade o processo de ensino – aprendizagem. No que concerne ao tempo despendido para instrução e comportamentos desviantes, que por vezes só o observador detecta, pois é complicado o professor ver tudo e há situações que passam “ao lado” devido ao envolvimento intenso que imprime nas actividades, tornando difícil a gestão da aula, demonstra a grande importância que a observação pedagógica possui. Como forma de minimizar estas situações, deve ter-se em atenção um posicionamento correcto e o tempo de transição, que numa fase inicial era mais longo, devido à não assimilação das rotinas. Em todos estes aspectos, através da observação das aulas dos colegas e professor Fernando Leite, pude tirar algumas elações, transmitir os erros dos colegas e ressaltar os aspectos positivos. Desta forma, contribui para uma melhor reflexão da aula dos mesmos, dando uma carácter interactivo e discutido, o que a meu ver é de extrema importância e assim enriquece mais as capacidades de cada estagiário.

Relativamente à observação das aulas do Professor Fernando Leite, fez-me encarar a EF de uma outra maneira, numa forma mais competitiva, defendendo que os alunos aprendem através do jogo. Estas aulas primavam essencialmente pelos métodos e estratégias utilizadas pelo professor, facilitando um óptimo controlo da turma. A experiência que o professor vai adquirindo, é evidenciada nas situações mais problemáticas que ocorrem nas aulas. Experiência, essa, que fui adquirindo ao longo do ano, aula após aula e que me possibilitou uma melhor gestão de toda a condução da aula.

Um outro aspecto que, no meu entender, é especialmente importante, foi a análise crítica do professor Fernando Leite no final das minhas aulas e dos meus colegas e que facilitou imenso a correcção de alguns aspectos que evidenciava mais dificuldade, tonando-me um professor mais competente. Esta foi, sem dúvida uma das formas em que senti que mais aprendi e evoluí enquanto professor, devido à postura adoptada pelo professor Fernando Leite, crítico, mas sempre com a intenção de fazer perceber de uma forma simples aos estagiários como devem desenvolver o seu trabalho, esclarecendo todas as dúvidas e o que devem corrigir, ressaltando sempre o que está correcto e motivando-nos. Sendo assim, a detecção das possíveis fragilidades e o delineamento de estratégias foram de grande preponderância para a minha formação profissional.

A abertura e a capacidade de ouvir outros colegas são fundamentais no processo formativo, pois só assim podemos alargar o leque de conhecimentos. Assim, e sempre que tinha oportunidade, observava aulas de outros professores, com o objectivo de conhecer novas práticas ou de antecipar possíveis situações para a minha aula.

De seguida, irei retratar um pouco aquilo que foi desenvolvido e que ocorreu ao longo do ano lectivo acerca das diferentes áreas da intervenção pedagógica.

Registo das Presenças

Trata-se de uma função de todos os professores, o registo das presenças dos alunos, de forma a acompanhar e controlar a assiduidade e pontualidade dos mesmos. Por isso, no início do ano lectivo, aquando da elaboração das diversas fichas e grelhas protótipo, fizemo-lo para cada período, contendo a aula, respectivo dia e o nome de cada aluno que facilitou imenso, principalmente numa fase inicial pela dificuldade de memorização. Desta forma, no início de todas as aulas era feita a chamada oral.

Numa fase posterior, e quando já está assimilado o nome dos alunos, por vezes, e de forma a economizar o tempo na parte inicial da aula, apenas efectuei o registo dos alunos que eventualmente estavam em falta ou atrasados. Por outro lado, a chamada oral também foi utilizada como estratégia de acalmia, quando os alunos se encontravam mais agitados do que o normal. Uma dificuldade que senti pontualmente foi o controlo da agitação de alguns alunos no início da aula. A turma é barulhenta, irreverente e muito faladora. Com o tempo fui conhecendo-os melhor e arranando estratégias para resolver esse problema. Solucionei esse problema de uma forma muito simples, baixando o tom de voz, obrigando assim os alunos a estarem atentos e em silêncio.

Registo do Comportamento

Tendo sido o maior problema com que me deparei neste ano de estágio, o controlo do comportamento de alguns alunos, fui utilizando variadíssimas estratégias para melhorar essa lacuna. Para além da pesquisa bibliográfica, também criei uma grelha de registo do comportamento dos alunos a partir do segundo período. A partir daí, e durante todo o período, fui efectuando o registo do comportamento, utilizando uma escala (++; +; +/-; -; --), tendo os alunos demonstrado bastante interesse em conhecer qual o seu desempenho. Esta estratégia teve impacto em alguns alunos que me criavam alguns problemas, mas nos que realmente eram perturbadores não, pelo simples facto de não se esforçarem nas aulas, terem pouco empenho e essencialmente não reconhecerem qualquer tipo de valor à escola. Logo, não se importam se têm falta ou não, pois será apenas “mais uma”. Lutei contra esta ideia e mentalidade de alguns alunos o ano inteiro, não desisti, fui sempre persistente, notando-se claramente melhorias significativas no controlo da turma, acabando mesmo por estar perfeitamente controlada.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

“O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre os objectivos, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas. As quatro dimensões do processo Ensino-Aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino” (Siedentop, 1998).

A intervenção pedagógica é sem dúvida um dos pontos mais importantes e que demonstra a real capacidade do professor na leccionação da disciplina. Destaco as dimensões da instrução, condução da aula, gestão, clima/disciplina e as decisões de ajustamento.

Instrução

É através da instrução que o professor tem a oportunidade de estabelecer uma relação de confiança com os alunos. Numa fase inicial, senti algumas dificuldades neste ponto, fruto de alguma falta de experiência e ainda pouco à-vontade. Com o decorrer das aulas, fui melhorando o meu discurso e conseqüentemente a qualidade de instrução.

Segui sempre um padrão delineado inicialmente, em conjunto com o núcleo, no qual ficou definido que se deveria transmitir aos alunos, no início de cada aula, os objectivos e finalidades da mesma, clarificando as principais tarefas e relacionando-as com etapas anteriores ou posteriores da UD.

À medida que foi aumentando o número de aulas, fui ganhando mais confiança. O professor na transmissão de conteúdos, além de os ter que dominar naturalmente, deve-o fazer com confiança. Deve utilizar um discurso audível e adequado à compreensão dos alunos, procurando transmitir a informação de forma objectiva e concisa, de forma económica, focando os aspectos essenciais. Numa fase inicial, não o consegui, por algum nervosismo e insegurança demonstrada.

No caso da minha turma, tive de instruir quase sempre de forma objectiva, pois a turma é muito irrequieta. Há turmas que são calmas e o professor pode explorar esse aspecto, no entanto deve-se dar sempre primazia à actividade física e não a um longo tempo de instrução, minimizando-o ao máximo. Tive que me focar no essencial, para manter os alunos atentos.

Na condução da aula, as instruções das tarefas foram aumentando de qualidade, à medida que fui melhorando alguns aspectos inerentes à organização e controlo da turma. Fui aperfeiçoando a transmissão de conteúdos e dos objectivos das tarefas. Numa fase inicial, senti algumas dificuldades em captar a atenção dos alunos, que nas transições das diferentes tarefas obrigavam-me a perder algum tempo na organização. Este facto pode-se justificar com a dificuldade da assimilação das regras e rotinas impostas desde a primeira aula pelo professor. Para isso, de forma a captar mais a atenção dos alunos na transmissão das tarefas, preocupei-me ainda mais com o meu posicionamento e dos alunos, que devem-se encontrar em “meia-lua” de frente para o professor e atentos.

No que diz respeito ao feedback pedagógico transmitido, nas aulas iniciais foi essencialmente de índole organizativo, visto que se destinavam à verificação do nível inicial dos alunos – Avaliação Diagnóstica. No decorrer do ano lectivo, a transmissão de feedback não teve a frequência pretendida, devido à dificuldade do controlo da turma e com a preocupação que tive com os comportamentos desviantes dos alunos mais problemáticos. Com o evoluir do tempo e um melhoramento do controlo, comecei a ter mais atenção à frequência e à qualidade de feedback, incidindo mais nos feedbacks

descritivos, onde demonstrei mais facilidade na transmissão, e prescritivos, detectando e corrigindo os principais erros evidenciados pelos alunos e ainda por vezes o feedback interrogativo. Com um melhor conhecimento da turma fui-me deparando com alunos de auto-estima baixa, para colmatar esse aspecto utilizei constantemente o reforço positivo. Estes alunos necessitam essencialmente de ser estimulados, cativados e desafiados, principalmente os mais problemáticos.

Um outro aspecto que a meu ver é extremamente importante, é a conclusão dos ciclos de feedback. Numa fase inicial, verificando-se vários problemas de controlo e disciplina de alguns alunos, tive dificuldade em aperceber-me se fechava o ciclo. A partir do segundo período, coincidindo com um aumento do controlo da turma, foquei-me mais nesse aspecto, verificando-se por vezes que após a conclusão do ciclo, tinha necessidade de imprimir novo feedback, principalmente nas aulas de Ginástica de Aparelhos. Procurei transmitir feedback no momento certo, de forma coerente e utilizando uma linguagem compreensível e adequada ao nível dos alunos. O professor também se deve preocupar no tipo de distribuição do feedback, devendo este ser transmitido tendo em conta o diferente nível dos alunos.

Depois de ter conhecimento das capacidades dos alunos, após observar o desempenho dos mesmos, e identificado os melhores em cada gesto/elemento técnico, recorri sempre que possível a esses alunos, de forma a apoiar, corrigir e demonstrar, criando uma imagem do gesto que se pretendia, integrando assim os alunos como agentes de ensino. Quando os alunos não foram utilizados, foi o próprio professor que demonstrou. Esta demonstração deve ser exemplar e correcta, pois os alunos tiram a “foto” dessa mesma execução.

Relativamente à instrução no final da aula, era feita com uma prelecção que se assumia como um balanço, no qual era feita uma revisão dos conteúdos abordados, questionando a compreensão dos alunos e ligando-os com os que iriam ser abordados na aula seguinte, realizando-se, assim, a extensão da aula com a UD.

Condução da Aula

A qualidade da condução da aula foi melhorando com o tempo, de forma progressiva. Inicialmente, fruto de alguma inexperiência, o tempo em demasia despendido nas diferentes instruções era um facto evidenciado. Um outro aspecto

importantíssimo foi o meu posicionamento, que no início não foi o mais adequado. Por vezes, apenas na análise da aula é que reflectimos e apercebemo-nos dos pequenos erros que cometemos, como o posicionamento, e que fazem toda a diferença na sua condução correcta. Com a evidência das dificuldades sentidas no controlo da turma, o posicionamento e circulação correcta foi uma melhoria evidenciada e notória. Deve-se circular pelo espaço de aula, varrendo toda a turma com o olhar e “voltar” as costas para a parede, mantendo assim todos os alunos no seu campo de visão.

Também tive em consideração a segurança dos alunos em todos os exercícios propostos, com especial atenção para um aluno que apresenta muitas limitações na realização da disciplina, por ter um quisto aracnoideo e estar impossibilitado de realizar saltos e rolamentos, deve ainda evitar ao máximo a probabilidade de choque com os colegas e/ou proteger essencialmente a cabeça. Naturalmente não foi fácil gerir esta situação, dificultando ainda mais, o facto de se tratar de uma turma cheia de energia, irrequieta e com alguns alunos muito indisciplinados. Porém, a postura sempre responsável e cuidadosa do aluno facilitou-me a gestão da situação.

Gestão Pedagógica

O professor é um autêntico gestor na sua plenitude. Antes de iniciar o EP sentia algum receio quanto a este ponto que se assume como imprescindível num processo ensino – aprendizagem eficiente e de qualidade.

No início, o tempo de organização e transição entre as tarefas era excessivo, contudo esse aspecto foi melhorado ao longo do EP, através de uma maior preocupação na planificação das aulas, nomeadamente nas aulas de ginástica, nas quais sentia maiores dificuldades no controlo dos alunos mais irreverentes. Esta maior preocupação e antecipação de eventuais imprevistos, permitiram uma gestão de maior qualidade, utilizando transições rápidas, através da organização antecipada do exercício seguinte. Este cuidado, permite maior tempo de actividade, que é o que se pretende. Dei primazia sempre a exercícios com elevado tempo de empenhamento motor, utilizando nos JDC essencialmente exercícios critério e circuitos técnicos, facilitando deste modo a sua organização e compreensão por parte dos alunos. Nas Ginásticas de Solo e Aparelhos respeitei sempre uma organização e dinâmica semelhante.

Acerca da gestão do tempo, as maiores dificuldades foram sentidas no início do ano lectivo, com o desconhecimento da dinâmica das aulas, aliada à falta de experiência. O

tempo disponível para cada unidade didáctica foi sempre bastante curto, o que comprometeu o atingir dos objectivos definidos. Na realidade, o tempo necessário para que os comportamentos desejáveis pudessem aparecer, nem sempre aconteceu

Disciplina/Clima

Relativamente a este ponto, por ter sido o que me criou mais dificuldades durante o EP, resolvi socorrer-me à bibliografia existente do que é, de facto, a indisciplina e o controlo da turma.

Para Oliveira (2002) a disciplina pode ter dois objectivos na função pedagógica:

- O desenvolvimento da disciplina exterior, referente à moldagem que uma pessoa deve ter a um conjunto de regras, não elaboradas por ela.
- O desenvolvimento da disciplina interior, que se direcciona para o desenvolvimento das atitudes do individuo, em que o mesmo reconhece o significado dos objectivos educacionais que lhe são propostos.

Neste quadro, Siedentop (1983) refere que pode haver duas abordagens à disciplina:

- A abordagem positiva, que é aquela que assenta no treino dos comportamentos que vão de encontro aos fins educativos, aproximando o comportamento disciplinado ao que se considera um comportamento apropriado.
- A abordagem negativa, que se confina ao tratamento dos comportamentos inapropriados, que se dividem em comportamentos desviantes e comportamentos fora da tarefa.

Ao longo de todo o ano lectivo procurei criar sempre um bom clima, implementando desde o início, regras e rotinas fundamentais para um bom funcionamento das aulas.

Apesar da relação professor – aluno ser boa, senti algumas dificuldades em estimular e motivar alguns alunos mais problemáticos no seu empenhamento nas actividades propostas. Trata-se de uma turma muita heterogenia, constituída por alguns alunos muito bons, exemplares a todos os níveis e outros completamente díspares. A minha preocupação foi sempre mais focada no controlo destes últimos, que me criaram constantemente problemas de indisciplina e falta de empenho.

Na disciplina de EF, os comportamentos dos alunos que não são desejados pelo professor, são considerados actos de indisciplina, que usualmente na actualidade tendem a ser designados de comportamentos inapropriados. Dentro deste tipo de

comportamentos, estão presentes os comportamentos “*fora da tarefa*”, que são de pequena gravidade e que não perturbam seriamente as actividades da turma; e os comportamentos “*desviantes e/ou disruptivos*”, que são de maior gravidade, como por exemplo comportamentos violentos de natureza anti-social e nefastos para as actividades desenvolvidas no âmbito da aula (Pereira, 2006).

Foram utilizadas várias estratégias de forma a combater a indisciplina, por exemplo, com a separação em grupos diferentes de trabalho, os alunos mais irrequietos ou mal comportados, de forma a interagirem entre eles, tendo juntado a estes os alunos opostos, sem comportamentos incorrectos, facilitando-me assim o seu controlo. É muito importante dar responsabilidade a estes alunos, para que se sintam úteis e integrados no processo. A disciplina não significa necessariamente passividade, silêncio, formas ou regras rígidas, apesar de, por vezes, estas condições serem necessárias no ambiente de aula para se poder cumprir alguns dos objectivos propostos. A ordem na aula significa que os alunos apresentam comportamentos para que a actividade de aprendizagem seja realizada em boas condições. Contudo, é necessário considerar o contexto, porque este é que define o tipo de interacções possíveis (Oliveira, 2002). Segundo a mesma autora, a disciplina pode resultar de uma relação de respeito mútuo entre alunos e professores, presentes num ambiente de harmonia e do sentido de responsabilidades de cada um. Assim, é importante o professor saber lidar com o carácter e a personalidade de cada aluno. Ao contrário de outras disciplinas, na EF a comunicação não-verbal e a ausência de empenhamento podem ser, não raramente, entendidas como violação da ordem. “*O que determina a caracterização da acção em disciplinada ou indisciplinada não é a acção propriamente dita, mas antes a situação, isto é, a acção num determinado contexto*” (Tavares, 2004). À medida que fui tendo um maior conhecimento da turma e em especial dos alunos mais complicados, fui apercebendo melhor do modo como pensavam e agiam e, através do reforço positivo imprimido a alguns alunos, estes mudaram radicalmente o seu comportamento, aumentando desta forma a sua auto-estima e motivação e sendo estes reconhecidos todos pelo seu esforço.

Para Gillborn (1993), “a regulação disciplinar não deve ser entendida, rigidamente, como a imposição de regras daqueles que detêm a autoridade, mas ser reconhecida como um conjunto de práticas que devem ter objectivos de facilitação e de integração, ou seja, a disciplina é aquilo que une as propostas mais conscientes e a

ordem efectiva da instituição com as concepções e as práticas dos indivíduos que a constituem”. O mesmo autor defende que essa ligação é efectuada através das dimensões da disciplina, isto é, expectativas, consistência, diálogo, envolvimento ou respeito.

Como refere Good & Brophy (1994) *“a gestão deve ter como intuito a formação de um clima de aprendizagem produtivo. O sucesso cria motivação, mas é fundamental criar expectativas elevadas nos alunos, de forma a compromete-los com uma busca incansável de objectivos cada vez mais ambiciosos”*.

Decisões de Ajustamento

É uma característica fundamental, o professor ser capaz de efectuar ajustamentos, no momento certo e de forma correcta e pertinente.

Por mais que os exercícios sejam pensados e planeados, o professor deve demonstrar capacidade de ajustar determinada situação, em função de cada aluno.

No meu caso, senti algumas dificuldades iniciais, mas com a prática pedagógica, fui aprendendo e corrigindo os erros e, desta forma, fui conseguindo um ajustamento com maior qualidade. Não é difícil detectar o que se encontra mal, a principal dificuldade reside em encontrar soluções para corrigir esse mesmo erro. Um bom professor, também deverá, na minha opinião, ter a sensibilidade de, quando um exercício está a correr muito bem e os alunos estão a exercitar de forma correcta, prolonga-lo para além do tempo estabelecido. Aliás, há exercícios que requerem muita exercitação para que os alunos os consigam assimilar, para isso, devem exercitá-lo durante mais tempo. O mesmo se aplica a exercícios que não estão a resultar, devemos passar para outro que seja mais importante para atingir os objectivos da aula.

Podemos efectuar vários ajustamentos, desde o plano anual, sendo este flexível, às UD, quer também na intervenção pedagógica propriamente dita.

No Plano anual e UD tive necessidade de proceder a alguns ajustamentos, em função do desempenho e nível evidenciado pelo aluno, alterei a extensão e sequência de conteúdos, retirando-os ou acrescentando-os, assim como ao número de aulas, principalmente após realizada a avaliação formativa. Na aula, procedi com decisões essencialmente de gestão de tempo, organizativas, posicionamento e condução de aula, que permitiram otimizar o desempenho dos alunos e o meu desempenho enquanto professor. Todavia, para conseguir chegar ao patamar em que cheguei, tive necessidade

de proceder a inúmeras decisões de ajustamento, essencialmente numa fase mais precoce, em que a falta de experiência era maior e assim otimizar a minha intervenção pedagógica.

AVALIAÇÃO

Segundo Bento (2003) “*a avaliação está intimamente ligada à planificação e realização, porque sem elas a avaliação não faz sentido, acresce que a análise do processo e do produto complementam-se uma à outra*”.

O pensamento subjacente à avaliação nos JDC difere dos Desportos Individuais, até pela diferente natureza destes desportos. Se o processo é diferente, a forma como se avalia não poderá ser igual. Nos JDC a avaliação centrou-se no jogo formal, uma vez que pretendia que os alunos aplicassem os princípios de jogo abordados nas aulas em função do seu contexto, sendo que a tomada de decisão assumiu grande importância. Relativamente aos Desportos Individuais, foram consideradas fundamentalmente a eficácia e a eficiência, por exemplo, na ginástica de aparelhos a classificação de um aluno que executa o salto entre mão no plinto transversalmente, deve ser diferente de outro aluno que realiza o mesmo salto mas com o aparelho longitudinalmente.

De acordo com as funções da avaliação definem-se três tipos de avaliação:

- Diagnóstico e Prognóstico (sustenta decisões de selecção e orientação, antecipando o futuro próximo do aluno); - Formativa (sustenta a regulação do ensino e aprendizagem durante o período em que estes decorrem); - Certificativa/Sumativa (aquisições feitas através de ciclos de estudos, ocorrendo quando estes terminam).

Avaliação Diagnóstica

As avaliações diagnósticas foram realizadas todas nas aulas iniciais, à excepção da Dança e Patinagem, sendo esta decisão tomada em grupo, juntamente com o Professor Orientador Fernando Leite.

A recolha dos dados relativos às avaliações diagnósticas foi feita através da observação directa do desempenho dos alunos nas primeiras aulas de cada bloco de matérias. O registo destas observações foi formado através da utilização de uma grelha de verificação (Anexo 7), onde é registado o desempenho dos alunos, distribuindo-os por três classificações distintas: Não Realiza (NR), Realiza (R) e Realiza Bem (RB), nos diferentes elementos técnicos/tácticos. A análise destes dados permitiu tomar decisões

relativas à elaboração da extensão das matérias e estratégias para as abordar, definindo o número de aulas que seriam estabelecidas para cada UD, dependendo do desempenho dos alunos e dificuldades evidenciadas. Nas aulas de avaliação diagnóstica, era possibilitado aos alunos a exercitação dos diferentes elementos técnicos/táticos de cada matéria, de forma individual e colectiva, dependendo do elemento a abordar. Nesta fase inicial, não conhecendo muito bem os alunos, organizava-os em função do seu número de aluno, facilitando-me o registo dos desempenhos. Importa referir que na avaliação diagnóstica e nesta etapa inicial, é verificado essencialmente o domínio psico-motor individual, mas com o objectivo de ter uma noção do nível da turma em geral. A avaliação diagnóstica, não se restringe apenas a um período de tempo determinado. Por vezes, este tipo de avaliação surge associado a períodos de tempo como “início do ano lectivo” ou “início dos períodos escolares”, contudo, é fundamental constatar que a ideia de início não deve estar ligada a qualquer período temporal, mas sim ao facto de começarem novas aprendizagens. A avaliação diagnóstica pode também ocorrer durante o período de ensino, caso os alunos revelem dificuldades cujas causas é necessário identificar, mas esta parece ser uma situação menos frequente, dado que geralmente a avaliação formativa fornece indicadores suficientes. Segundo Ribeiro (1999), a avaliação diagnóstica permite-nos proceder, antes do início de uma unidade, a acções de recuperação ou remediação do que não foi apreendido anteriormente; permite-nos agrupar os alunos de acordo com a proficiência que demonstraram nos resultados de provas diagnósticas, no sentido de responder a necessidades específicas e permite-nos identificar durante o decorrer de uma unidade, a causa do insucesso de alguns alunos.

As conclusões relativas aos resultados da generalidade da turma complementavam estas informações sobre a forma de um relatório geral da avaliação diagnóstica em determinada matéria.

Avaliação Formativa

Segundo Scriven (1967), a avaliação formativa deve estar incondicionalmente presente “*assumindo carácter contínuo e sistemático e visando a regulação do ensino*” e “deve fornecer ao professor, aluno e restantes encarregados de educação informação do desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho.” Por sua vez, Ribeiro (1999), salienta que “*a avaliação formativa deve determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de*

ensino e identificar dificuldades de forma a dar-lhes solução”. A avaliação formativa tem uma função semelhante à da avaliação diagnóstica, devendo ser feita tantas vezes quantas o professor julgar conveniente. A avaliação contínua não é mais que uma avaliação formativa permanente. À semelhança do que foi feito para a avaliação diagnóstica, o registo destas observações foi realizado através da utilização de uma grelha, onde é registado o desempenho dos alunos, distribuindo-os por três classificações distintas: Não Realiza (NR), Realiza (R) e Realiza Bem (RB), nos diferentes elementos técnicos/tácticos. Posteriormente, foi efectuada uma reflexão qualitativa do desempenho individual dos alunos, que através da sua análise, permite verificar o nível de desempenho dos mesmos, nesse momento, reflectir sobre a eficiência das estratégias utilizadas e identificar possíveis situações que levem à alteração do planeamento inicial, com vista ao melhoramento do processo de ensino – aprendizagem.

Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro (1999), a avaliação sumativa *“pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem”*. Portanto, este tipo de avaliação representa um balanço final que só tem sentido efectuar-se quando a extensão de caminho percorrido já é grande e existe material suficiente que justifique esta avaliação. A avaliação Sumativa certifica as aquisições feitas através de ciclos de estudos, ocorrendo quando estes terminam. Segundo Pacheco (1995), *“A avaliação sumativa está ligada à medição e a classificação do grau de consecução do aluno no final de um processo (trimestre, semestre, ano) tendo a finalidade de certificar mediante a determinação de níveis de rendimento”*. Considera-se que constitui sempre um balanço final, sendo aplicada depois de uma sequência de ensino ou no final de um ciclo de formação (por exemplo, unidade de ensino, parte do programa ou programa do ano inteiro), mas que não será entendida como um juízo de valor, definitivo, sobre o que ficou para trás, mas antes como um resultado que determinará a tomada de decisões, ou seja, presta-se a classificação final. A avaliação sumativa certifica e classifica o nível dos alunos e tem, também, um valor social. Informa os alunos e os professores da situação de aprendizagem (tendo em conta os objectivos fixados que certificam o progresso do aluno e do ensino), pais e a comunidade em geral.

A observação do desempenho dos alunos é feita através de uma grelha de registo de observação (Anexo 8) que permite uma melhor e rápida recolha de dados.

O processo avaliativo da nossa escola encontra-se delineado por níveis, diferenciado pelas seguintes ponderações: domínio psico-motor 55%, domínio cognitivo 15% e os restantes 30% para o domínio sócio - afectivo.

Não senti tantas dificuldades na observação desta avaliação, comparativamente com as outras, principalmente, por dois aspectos: Por se tratar do último momento avaliativo antes da avaliação final e por ter um maior conhecimento dos alunos e do processo.

Avaliação Teórica

Esta avaliação tem como principal objectivo determinar o conhecimento cognitivo dos alunos. Realizei um teste teórico para a unidade didáctica de basquetebol e outro de atletismo. Para a ginásticas elaborei um teste e para o futebol e voleibol, um outro. A junção de matérias permitiu não sobrecarregar muito os alunos.

Foram utilizadas questões essencialmente de recorte fechado, como escolha múltipla, verdadeiro e falso e identificação de figuras, sobre componentes críticas dos diferentes elementos e regras.

COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

A ética profissional é uma dimensão paralela a todo o processo educativo e à dimensão da intervenção pedagógica, revelando-se muito importante no que concerne ao desenvolvimento do agir profissional do futuro professor.

Desde o início do ano lectivo que encarei o EP com esta perspectiva de constante desenvolvimento do agir profissional. Para isso, contribuiu em quota-parte o papel dos meus colegas, do meu orientador e do relato de vivências de outros professores mais experientes. Em tudo que o se faz, seja qual profissão for, deve-se cumprir com a chamada “ética profissional”, a qual se encontra transversal a todo este processo de formação e se deve respeitar, tendo certas atitudes nas quais se destacam: assiduidade, pontualidade e conduta pessoal, o respeito pelos docentes, colegas e alunos, o querer saber sempre mais, ser interessado, promover o trabalho em equipa, capacidade de iniciativa e responsabilidade. Devemos ser extremamente responsáveis e passar essa imagem aos nossos alunos, pois eles vêm-nos como exemplos. Devemos

possuir uma boa análise crítica e reflexiva, na qual sentia inicialmente algumas dificuldades, mas fui melhorando e enriquecendo o meu poder de argumentação, dado os conhecimentos adquiridos e o compromisso pelas aprendizagens dos alunos. Todos estes aspectos são fundamentais para que o professor possua uma ética – profissional correcta.

Demonstrei que possuo estas características e tenho a certeza de ter cumprido na totalidade, com muito empenho e determinação, todos estes parâmetros, pois sempre que solicitado pelos colegas da escola, dei sempre com enorme prazer o meu contributo, com opinião e trabalho. Esta permanente envolvência que tive enquanto estagiário em muitas actividades, não só de EF, permitiu-me desenvolver valores imprescindíveis para o futuro, enquanto profissional de EF. Aspecto facilitador foi, certamente, o crescente maior à-vontade que possuímos com as pessoas e colegas, intervindo mais nas decisões, dando muitas vezes a nossa opinião, criticando positivamente em algumas ocasiões, mantendo sempre a cordialidade que se exige e prevalecendo sempre valores como a amizade e o bom relacionamento com todos os agentes educativos, os quais fazem parte da nossa formação diária.

Justificação das opções tomadas

Para a construção do planeamento anual, inicialmente, tive que ter em conta a caracterização do meio e de turma, passando de seguida para o plano anual da Escola Básica Castro Matoso, no qual está referido quais as UD para cada ano de escolaridade, conteúdos a abordar e objectivos a alcançar. Depois de ter conhecimento das UD a abordar, analisei-as e planei um conjunto de aulas iniciais para a realização da avaliação diagnóstica, com a excepção das UD de Patinagem e Dança, por sugestão do professor orientador. No entanto, o planeamento das aulas de avaliação diagnóstica foi já condicionado por um aspecto que também é determinante para a organização das aulas de EF, esse factor é o roulement imposto na Escola que implica uma rotação semanal de espaços entre os professores de EF e que, no meu caso, implica a divisão de espaços com outros dois professores tanto na aula de noventa minutos (2ª Feira) como na aula de quarenta e cinco minutos (5ª Feira). Esta rotação semanal implica que algumas matérias sejam demasiado dispersas pelo tempo, algo que não considero positivo. Tem prioridade pelo espaço livre o professor que se encontra no espaço mais elevado, ou seja, espaço 4.

Relativamente à escolha das matérias a abordar em cada período, tive que ter em conta alguns condicionalismos e factores importantes. O espaço 2 (ginásio) é mais apropriado para a leccionação da ginástica de solo e aparelhos, de dança, de atletismo e do salto em altura. A opção tomada foi de estender as UD de ginástica de solo e aparelhos pelo 1º e 2º período e abordar o salto em altura depois de finalizar estas, aproveitando o espaço que é concedido uma semana por mês. Pode dificultar um pouco a aquisição de competências por parte dos alunos, por se estender e mesmo para o professor dificulta um pouco, porque apesar de ter conhecimento profundo do que é trabalhado nas aulas anteriores, não é abordado de forma contínua e sistemática. Optei por finalizar no 1º período, a UD de Basquetebol, com a abordagem conjunta do voleibol e ginástica de solo, que foram finalizadas no 2º período. As UD de Futebol e ginástica de aparelhos também foram abordadas e finalizados no 2º período. O Atletismo e patinagem tiveram o início da sua abordagem no final 2º período e foram naturalmente finalizadas no 3º. A unidade didáctica de dança foi abordada apenas no 3º período. Após a realização das avaliações diagnósticas e efectuada uma análise pormenorizada e coerente, relativamente ao desempenho e competências evidenciadas dos alunos, o professor deve identificar quais as matérias e UD em que a turma, no geral, sente mais dificuldades, atribuindo um maior número de aulas a essas matérias em detrimento das que têm mais facilidade. Apenas depois de realizar a avaliação diagnóstica das várias matérias, é que o professor pode estruturar de forma rigorosa o planeamento anual. Contudo, este será sempre sujeito a alterações ao longo do ano lectivo, por vários motivos. São sempre questões imprevisíveis e um professor de EF deve ter a capacidade de ajustar conforme a situação, procurando sempre evitar que os alunos sejam prejudicados com esses acontecimentos. O que mais se realçou foram alterações de ordem de extensão e sequência de conteúdos, ajustamento no número de aulas previsto inicialmente para cada UD, indo de encontro com as necessidades dos alunos na obtenção das competências necessárias de final de ciclo.

Em suma, será importante lembrar que dada a imprevisibilidade que se instala no nosso dia-a-dia, como professores de EF, é natural que se verifiquem alterações ao longo do ano lectivo e este deve demonstrar uma excepcional capacidade de adaptação às condições existentes, sem nunca perder de vista os objectivos.

REFLEXÃO

Ensino Aprendizagem

Aprendizagens realizadas como estagiário

Tenho plena consciência de que adquiri, ao longo de todo este processo competências que serão muito importantes e úteis para a minha futura vida profissional no desempenho da docência da EF, mas não só. Adquiri também valores, outras atitudes e modos de pensar relativamente ao ensino que me fez crescer diariamente. A aprendizagem mais importante foi o dia-a-dia na escola, colocando em prática todos os conhecimentos adquiridos na minha formação inicial e outros saberes que fui adquirindo ao longo deste ano.

Ao nível do planeamento, realização e avaliação, foi uma aprendizagem permanente. Sinto que concretizei um conjunto vasto de aprendizagens e competências, de cooperação com os meus colegas do núcleo de estágio, com os restantes professores de EF e com a DT, com a qual colaborei no desempenho do seu trabalho durante todo o ano lectivo através da assessoria do seu cargo.

No que diz respeito ao processo avaliativo, apesar da formação que tive na disciplina de Avaliação Pedagógica da EF no 2º semestre do 2º ciclo de estudos e que me deu uma boa bagagem, no acto e na prática é que se evidenciam as principais lacunas e dificuldades. Tenho agora perfeita consciência do desafio que é a realização de uma avaliação coerente e rigorosa, e assim encaro o futuro com outro à-vontade, levando já comigo uma boa base de conhecimentos e alguma experiência adquirida. Ao nível do planeamento e realização foram, de facto, adquiridas imensas capacidades, uma vez que nunca passei por essas vivências de uma forma tão activa e permanente, o que me levou a uma intensa aprendizagem, numa fase inicial para a realização do plano anual e tudo o que lhe é inerente. Uma correcta planificação, com a concepção dos planos de aula, desde a escolha correcta dos exercícios apropriados para o nível dos alunos com vista a atingir os objectivos propostos, até à sua implementação metodológica na aula. Tudo foi um constante e sistemático desafio.

Quanto à assessoria ao cargo de DT, foi um outro factor de aprendizagem que realizarei essencialmente ao longo do 1º período, mas achei pertinente leva-lo até ao final do ano lectivo. Este deu-me um bom conhecimento acerca do perfil do DT, o que

faz realmente, como deve intervir em variadíssimas situações, o que me permitiu adquirir uma base de conhecimentos bastante confortável para que num futuro, quando for necessário desempenhar tais funções ou integrar outro tipo de cargo de gestão escolar, estar preparado.

Como professor em formação, considero que foi importante realizar este trabalho no âmbito da DT. O objectivo central foi compreender o papel do DT na sua relação com os pares, sob o ponto de vista administrativo e de gestão das relações humanas. As questões burocráticas inerentes à sua função ficaram para segundo plano.

Fui compreendendo que o papel do DT deve ser assumido por pessoas “especiais”, porque este arca com a função de representante da instituição escolar no contacto estabelecido com a comunidade escolar, principalmente com os encarregados de educação. A sua capacidade de comunicar com diferentes tipos de pessoas e a capacidade de passar a mensagem de forma adequada a todos os intervenientes, torna-se imprescindível e é uma das principais ferramentas para a obtenção do sucesso nesta função. No estabelecimento destas relações é muito importante conseguir gerir diferentes tipos de personalidades, porque muitas vezes surgem conflitos em função de diferentes estados de pensamento.

O tema da indisciplina, muito recorrente nos dias de hoje, em função dos constrangimentos sociais que atravessámos, foi um assunto constantemente debatido nas reuniões de Conselho de Turma, pelos professores presentes. Em alguns momentos, os professores desabafaram as suas amarguras e os inúmeros problemas que as suas turmas tinham. Naquele contexto senti-me um privilegiado e os meus problemas tornaram-se mais pequenos. Tendo em consideração o levantar de tantas questões acerca da disciplina, o papel que a Psicóloga da escola teve foi fundamental no acompanhamento dos alunos mais problemáticos e na resolução dos seus problemas.

As tarefas da DT são em número elevado e de difícil apreciação. Fiquei a saber que os encarregados de educação pecam pela assiduidade, principalmente os dos alunos mais problemáticos. Facto que, logo à partida, condicionou as tentativas de alterar um pouco o rumo de alguns alunos mais problemáticos. A frustração deve tender a instalar-se, pois nestas situações os menos interessados são os responsáveis pelos alunos.

Constatei ainda que o tempo disponível para as tarefas de direcção de turma não é suficiente. As tarefas são muitas e acrescidas em questões problemáticas, com as

muitas faltas para assinalar, como as questões disciplinares e com as tentativas de contacto com os encarregados de educação infrutíferas. Este foi um dos problemas mais evidenciados pela DT.

Importa assim, que o DT tenha capacidade de fazer chegar a mensagem de forma adequada aos encarregados de educação, por um lado para não ferir susceptibilidades nos casos mais sensíveis, por outro para conseguir a sua colaboração. Relativamente a esta turma, a relação entre encarregados de educação e DT foi marcada por um nível significativo de concordância, contudo houve excepções, porque alguns pais confiavam em demasia nos seus filhos e não valorizavam as informações dadas pelo DT que eram contraditórias ao que os filhos referiam. Com este acompanhamento sistemático, a DT pareceu-me ter o perfil ideal para assumir o cargo. Esta é uma pessoa bastante sensível e paciente, características estas indispensáveis para lidar com casos tão problemáticos, como indisciplina na sala de aula, constantes participações e processos disciplinares, entre outros problemas que “habitavam” na minha turma. Importa ainda referir que o DT deve adquirir um conhecimento aprofundado das características dos seus alunos, de forma a poder detectar facilmente quando há problemas.

Juntamente com os elementos do núcleo de estágio, realizamos duas actividades para a comunidade escolar. A primeira foi a organização do Corta – Mato escolar e a segunda foi a organização e dinamização dos “Jogos sem Barreiras”, actividades que envolveram um grande número de participantes e suscitaram um alargado interesse em toda a comunidade educativa. Na primeira actividade cometemos alguns erros, fruto da inexperiência e algum nervosismo de ambos os elementos do núcleo. Estas dificuldades foram sentidas essencialmente no início da actividade. Tais erros foram perfeitamente ultrapassados e corrigidos na segunda actividade, tendo esta sido um enorme sucesso e criado um impacto em toda a comunidade escolar.

Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Ser professor não é apenas uma profissão, é uma actividade profissional que pode ser encarada como uma missão, com grandes responsabilidades na sociedade, porque para além da família, também cabe ao professor educar e formar os jovens de cada sociedade.

Maslow (1991), caracteriza “*o professor como controlador, avaliador, encarregado de informar e conduzir seus alunos em direcção a objectivos externos à aquisição de conhecimentos; o que levaria os alunos a uma aprendizagem do tipo extrínseco, isto é, voltada para objectivos externos de quem aprende, escolhidos pela escola ou pela sociedade em que vive e não pelo autor do processo*”.

Na escola, o professor tem o poder de tomar decisões e influenciar os alunos directa e indirectamente. Como indivíduo, ele é o agente emissor da informação, organizador de actividades e alimentador por excelência do sistema educacional. Como grupo, compõe a massa crítica da sociedade, sendo capaz de indicar direcções, propor mudanças e influir na tomada de decisões, de modo a ser ele, teoricamente, o estratega da própria sociedade.

Cada vez mais se verifica o aumento da dificuldade de controlar os jovens adolescentes e irreverentes. O professor deve conhecer bem os alunos que tem à sua frente, comprometer-se a si mesmo e transmitir aos seus alunos diariamente que ele está ali, para ensiná-los e ajudá-los a adquirir novas habilidades, atitudes e valores de ética, através dos saberes foi adquirindo ao longo da sua vida e formação.

No caso da minha turma, dadas as suas particulares características, preocupei-me numa fase inicial, após conhece-los, em transmitir-lhes os valores e atitudes que devem ter numa sala de aula e fora da mesma, dada a nossa proximidade extra-aula. Preocupe-me naturalmente em ensinar os conteúdos programáticos, mas acima de tudo, a influenciar a sua forma de estar, visto que os alunos mais problemáticos constantemente perturbavam o bom funcionamento das aulas. O professor deve centrar-se no aluno, conhecer as suas principais dificuldades e virtudes, aproveitando-as para fazê-lo crescer e desenvolver-se diariamente, dando-lhe autonomia, estimulando a sua inclusão na sociedade através dos conhecimentos específicos que o professor possui sobre EF, mas também os conhecimentos da vida, os quais, sem eles, não se consegue desenvolver um processo de qualidade.

O professor deve ser capaz de desenvolver estratégias diferenciadas e diversificadas consoante as limitações e diferenças socioculturais evidenciadas pelos alunos.

Mediante a importância da incorporação foi preponderante criar situações de aprendizagem que sistematizassem os princípios de jogo, isto porque só a repetição sistemática poderia levar à criação de hábitos. Como afirma Oliveira (1991) *“os exercícios são o melhor meio para provocar adaptações nas várias dimensões do rendimento”*. Mencionando a título de exemplo a modalidade de Futebol é de referir que nas primeiras aulas tive muita dificuldade em consciencializar os alunos daquilo que pretendia, em parte, porque alguns eram futebolistas e queriam mostrar aos colegas e professor as suas habilidades técnicas e, conseqüentemente, o jogo tendia a tornar-se individualista e anárquico. As ideias que eles tinham sobre o jogo de futebol eram completamente diferentes das minhas. O meu objectivo foi levá-los a compreender que a minha ideia os poderia levar a ter sucesso mas, para isso, eles tinham de vivenciar o êxito, caso contrário nunca iriam acreditar na minha ideia de jogo e iriam continuar a colocar em prática a ideia que cada um tinha para si. Foi uma tarefa difícil mudar os hábitos enraizados nos alunos, sendo que só nas últimas aulas consegui verificar acções de acordo com aquilo que pretendia.

No que diz respeito à avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais, o Decreto-lei n. 3/2008, de 7 de Janeiro estabelece as suas adequações e princípios, pelos quais os professores devem ter em conta no seu processo avaliativo, apesar de que cada caso é um caso. Na minha turma tive dois alunos com necessidades educativas especiais, mas a nível de desempenho motor eram perfeitamente normais.

Posso afirmar que tudo fiz dentro das minhas competências e limitações, para cumprir com o que é definido no regulamentado pelo grupo de EF da Escola Básica Castro Matoso, Oliveirinha – Plano anual da disciplina, seguindo sempre as indicações orientadoras do Programa Nacional de EF do 3º Ciclo do Ensino Básico.

De uma forma sucinta, preocupei-me essencialmente em transmitir valores, atitudes éticas e saberes, permitindo assim ensinar de uma forma harmoniosa e com qualidade, verificando-se uma boa aquisição de conhecimentos referentes às várias matérias leccionadas, contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento eclético dos alunos.

Segundo Bento, (1987), o “*ensino não é simplesmente a transmissão e a apropriação simples da matéria programada; é determinante para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, dado que contem em si as bases para o seu comportamento moral, forja o seu o seu pensamento, influencia enormemente a sua vontade, os seus sentidos e actuação, a sua disponibilidade para o empenhamento nas tarefas do dia-a-dia.*”

Inovação nas práticas pedagógicas

Neste ponto, depois de reflectir sobre o processo realizado ao longo de todo o ano, a inovação que mais se destaca foi a realização e dinamização da segunda actividade – “Jogos sem Barreiras” na sua plenitude. Desde a sua divulgação, com acções de formação em todas as turmas existentes na Escola Básica Castro Matoso, ensinando desta forma aos alunos como se joga o “Jogo do Beto”, jogo tradicional, e o “GoalBall”, jogo para invisuais, de forma a sensibilizar a participação dos alunos. Foi uma actividade nunca antes feita, ao contrário da organização do Corta Mato escolar que se realiza todos os anos. Através esta actividade, conseguimos deixar a nossa marca na escola, com grande afluência na participação dos alunos, o entusiasmo demonstrado pelos mesmos, antes, durante e depois da actividade, querendo estes nos intervalos requisitar o material para jogar o “Jogo do Beto” em detrimento da habitual bola de futebol. Destaque também para da premiação com uma medalha de cortiça, confeccionada pelos estagiários. Foi fantástico e gratificante para o núcleo verificar o impacto que esta actividade teve nos alunos, mas também nos colegas de profissão, funcionários, entre outros agentes, que desconheciam por completo os jogos a desenvolver.

A planificação e divulgação atempada, permitiu precaver eventuais imprevistos. Como forma de inovar, criamos um *blog*: “*jogosembarreiras.blogspot.com*”, onde colocamos toda a informação necessária para quem desconhecesse os jogos, como regras, imagens, vídeos e quadro competitivo das equipas participantes, sendo este constantemente actualizado. Como alternativa às tradicionais fichas de inscrição, que também foram elaboradas, criamos um e-mail para os alunos se poderem inscrever, fomentando nos alunos a importância da utilização das novas tecnologias.

No que concerne à prática pedagógica, esta também teve aspectos e metodologias inovadoras. Também criei um e-mail da turma como meio da transmissão de informação, nomeadamente material de estudo para teste teórico de basquetebol. Começando pelas matérias a leccionar, que apesar de estarem estabelecidas na escola no plano anual da disciplina, o facto de termos a possibilidade de abordar UD que infelizmente, raramente os alunos têm a possibilidade de trabalhar (como a dança e a patinagem), permite a eles e ao professor desenvolver novas capacidades. Na minha opinião, é fundamental dar a possibilidade aos alunos de terem alternativas aos comuns JDC, atletismo e ginástica. Os alunos, nas aulas destas matérias apesar da desconfiança inicial, acabam por gostar bastante, empenhando-se e demonstrando a sua satisfação por desenvolver actividades alternativas.

Tentei, através do planeamento e pesquisa bibliográfica, inovar através do planeamento das aulas, com exercícios novos e inovadores, principalmente nas matérias em que me sinto mais à-vontade, como é o caso do futebol pela experiência que possuo do treino, voleibol e patinagem.

Para mim, também se tornou muito enriquecedor, enquadrando-se estas matérias no leque das que estive mais à-vontade e facilidade em transmitir os conhecimentos pretendidos aos meus alunos.

Todas as inovações realizadas devem ter um fim comum: o alcance das competências necessárias do final de ciclo.

Dificuldades e Necessidades de Formação

Dificuldades sentidas e formas de resolução

As dificuldades mais evidentes e que mais se destacam ao longo deste processo foram, sem dúvida, o controlo e disciplina de alguns alunos até sensivelmente meio do 2º período. Não foi fácil, mas consegui o controlo. Apenas pontualmente ocorreu um comportamento desviante, num ou outro aluno, mas conquistei o controlo da turma. Depois desta experiência, e pelo facto de nunca ter desistido de perder os alunos mais problemáticos, que na maioria das vezes tinham comportamentos fora da tarefa, mas não por maldade, possibilitou-me um conhecimento mais profundo acerca desta temática, na qual encontro-me capaz de efectuar algumas considerações que acho pertinentes e que ocorrem cada vez mais nas nossas escolas. Importa referir que a família e a escola já não detêm a autoridade e o status social do passado e, por isso, o papel do professor é cada vez mais difícil. Nesta situação, as dificuldades para um professor em início de carreira são ainda mais evidentes, em parte fruto da inexperiência para lidar com casos de indisciplina graves. No entanto, a vivência deste tipo de contextos é preponderante na preparação para o futuro profissional que me espera, pois deu-me mais capacidade para enfrentar os problemas que se avizinham, com outra perspectiva e sabedoria.

Considero que é possível existir um processo de ensino-aprendizagem eficaz em turmas indisciplinadas e na EF, através dos valores e regras desportivas, pode-se percorrer um caminho mais seguro, comparando com as outras disciplinas que são abordadas numa sala de aula e num ambiente mais fechado. Contudo, o professor deve possuir competências de gestão, de controlo e de instrução para poder fazer face aos problemas que os alunos lhe vão colocando. Principalmente numa fase inicial, não possuía essas capacidades, tendo-as adquirido ao longo do 1º período. Sob este ponto de vista, os ensinamentos que retirei ao longo deste ano lectivo foram inúmeros e, neste momento terminal, fico com a sensação de que “agora é que o estágio devia começar”.

Dentro das várias aptidões, relacionadas ao exercício competente, o professor deve conseguir manter o controlo da turma e ser respeitado, sem ter de recorrer a um autoritarismo desmedido, para que a relação pedagógica não seja colocada em causa. Apesar de alguns contratempus que foram surgindo, a minha relação com os alunos foi sempre muito próxima e bastante positiva durante o ano. Como factor determinante para

isso, para além da interacção nas aulas, a assessoria ao cargo da Direcção de Turma durante todo o ano, possibilitou-me conhecer os alunos num outro contexto escolar. Sinto que levei o “barco a bom porto” e que a minha forma de agir teve efeito em alguns alunos, mas também admito que apesar do muito esforço não consegui inculcar uma boa conduta a todos, temendo por vezes, o que será o futuro de alguns alunos.

Ficou evidente a relação entre o mau comportamento disciplinar e o insucesso escolar, bem como a influência que o ambiente familiar possui na formação pessoal do aluno. Nesta turma os alunos com pior comportamento tinham um contexto familiar difícil e pouco estruturado. Considero que o professor de EF é privilegiado, pois fiquei com a percepção que controlar os alunos dentro de uma sala de aula é ainda mais difícil. Contudo, o espaço aberto que temos ao nosso dispor também pode trazer dissabores, pois os factores de distração são em maior número e as condições climatéricas podem interferir no comportamento e empenho dos alunos. Os maus comportamentos dos alunos, não surgem apenas como consequência das suas más atitudes, por vezes ocorrem devido a um planeamento pouco adequado às características da turma, e esta situação ocorreu em algumas aulas. Quando o professor planifica a aula deve ter bem presente as regras de conduta que pretende ver implementadas, porque quando elas são bem claras para os alunos, as situações de indisciplina ocorrem em menor número. Também a formação de grupos de trabalho deve ter um carácter inclusivo, porque a segregação pode conduzir à ocorrência de situações de indisciplina. Neste aspecto, foi preponderante desenvolver a capacidade de comunicar com os alunos, no sentido de aumentar o interesse e as expectativas deles perante a EF.

Utilizei várias estratégias, as quais algumas funcionavam numa aula e na seguinte já não tinha efeito. Por isso, em conformidade com o Professor orientador Fernando Leite, optei por adoptar uma atitude mais rigorosa, não permitindo qualquer tipo de comportamento desadequado, punindo os infractores, solicitando que se sentassem e, quando estes mesmo assim não sossegavam, eram encaminhados por um funcionário para a biblioteca ou sala 16, com a finalidade de realizarem algum trabalho relacionado com a EF, sendo orientados por um professor presente nesses locais. Infelizmente, nem sempre isso acontecia.

De uma forma geral, apesar de surgirem outros aspectos que naturalmente senti algumas dificuldades, as principais foram na gestão do tempo, na organização e

transição, no posicionamento e na transmissão do feedback, fundamentalmente numa fase precoce. No entanto, todas estas categorias estão intimamente ligadas ao controlo da turma. Sem disciplina, em turmas com estas características, é complicado trabalhar-se de forma eficiente. Contudo, penso que consegui atingir os objectivos do EP, adquirindo competências essenciais para a docência. Dou o exemplo das dificuldades sentidas na gestão e organização que levaram a despender mais tempo do que julgava necessário para adquirir as rotinas. Em simultâneo, tive alguns problemas na gestão dos tempos parciais da aula. O cumprimento do plano de aula era quase uma obsessão no início, procurava controlar tudo ao minuto, o que, por vezes, levava a que a intervenção pedagógica e a análise do rendimento dos alunos ficasse para segundo plano. À medida que fui ganhando experiência, comecei a preocupar-me mais com a rentabilização dos exercícios, com a sua adequação aos alunos, e estas pararam de ser as questões fulcrais no decorrer das aulas, deixando de estar condicionado, quase que exclusivamente ao cronómetro. Este problema deu-se também pelo facto de querer planear exercícios a mais para uma só aula. Com a evolução, passei a planear de uma forma mais consciente e centrada no essencial, conseguindo gerir todas as situações de uma forma mais eficaz, tendo sempre em conta as características da turma.

Outras dificuldades que se evidenciaram neste ano de estágio, para além das já mencionadas, foram a excessiva componente burocrática e documental de cada uma das tarefas de EP, como também a criação da extensão e sequência dos conteúdos no início do ano lectivo e dificuldades associadas à especificidade das UD. As UD devem constar como um todo, sendo que a sua correcta estruturação contribui significativamente para a interligação entre as aulas, de forma a estas não surgirem de forma isolada na sua estrutura e função.

Pois, só assim é possível tratar didacticamente o conteúdo e definir de forma concreta e adequada as actividades dirigidas aos alunos.

Através de uma auto-avaliação das minhas capacidades e da minha preparação, face às exigências que perspectivava que iriam ser colocadas, um dos objectivos foi centrar a minha formação nas áreas que mais necessitava.

Neste campo foi preponderante a manutenção do dossier actualizado durante todo o ano lectivo, bem como a elaboração deste Relatório de EP.

Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua

Como foi referido no ponto anterior, a maior dificuldade foi o controlo da disciplina/clima de aula de alguns alunos em alguns momentos do ano lectivo.

Este aspecto é fundamental para o desenvolvimento de uma actividade lectiva eficiente e de qualidade. Para isso, num futuro, devo ser menos tolerante numa fase inicial, mostrando autoridade e exigindo mais respeito. A postura que adoptei no início, apesar de ser algo ríspida, não o foi suficientemente para os alunos respeitarem o professor, colegas e sala de aula. Pretendo melhorar este aspecto, já num próximo contacto com uma nova turma, que se espera o mais breve possível.

Se resolver o aspecto do controlo disciplinar, numa fase mais inicial, terei mais facilidade em proporcionar aos meus alunos melhores vivências e aprendizagens através de um processo de ensino aprendizagem coerente e de qualidade.

Com a experiência adquirida, sinto-me capaz de leccionar em qualquer turma, pois as dificuldades sentidas durante o ano de Estágio serviram para fortalecer-me e enriquecer-me enquanto professor.

Segundo o Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, o Decreto de Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, a formação contínua tem como objectivos fundamentais;

- A melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens, através da permanente actualização e aprofundamento de conhecimentos, nas vertentes teóricas e prática;
- O aperfeiçoamento das competências profissionais dos docentes nos vários domínios da actividade educativa quer a nível do estabelecimento de educação ou de ensino, quer a nível da sala de aula;
- O incentivo à autoformação, à prática da investigação e à inovação educacional;
- A aquisição de capacidades, competências e saberes que forneçam a construção da autonomia das escolas e dos respectivos projectos educativos;
- O estímulo aos processos de mudança ao nível das escolas e dos territórios educativos em que estas se integrem susceptíveis de gerar dinâmicas formativas;
- O apoio a programas de reconversão profissional, de mobilidade profissional e de complemento de habilitações.

A minha opinião, relativamente à formação contínua que o professor deve ter, é muito clara. Tendo em conta as constantes mudanças do nosso sistema educativo e

estando o professor incluído no mesmo, bem como dos programas orientadores da disciplina, este deve-se manter sempre actualizado podendo dar assim resposta às necessidades da sua profissão de docência, contribuindo para um aumento da qualidade do processo de ensino - aprendizagem.

Eu, como professor de início de carreira, pretendo formar-me todos os dias, com acções de formação ou simplesmente através do diálogo com os seus pares de forma a sentir-se mais instruído e, desta forma, dar resposta às principais áreas em que sinto mais lacunas. O professor deve ser o mais inovador quanto possível, estimulando os seus alunos a ultrapassarem constantemente os novos desafios. Para tal, deve aprender e formar-se todos os dias, cada vez mais.

“Para além de facilitador de aprendizagens e gestor de conhecimentos, o professor do futuro terá que dominar as tecnologias de informação, aceitar o diálogo como base de trabalho e ceder na individualização, perspectivando-se que deixará de ser o único educador dentro da escola” (Pacheco, 2008).

O professor deve ser um eterno insatisfeito, a vontade de adquirir novos saberes deve sobrepor-se ao “acomodamento” profissional.

Ética profissional

Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Como já foi referido neste relatório final de Estágio, a ética profissional assume uma transversalidade imprescindível em todo este processo de profissionalização enquanto professor de EF. Esta deve acompanhar o professor para todo o lado e deve expressar-se em tudo o que ele faça, pois acima de tudo, deve ser-se profissional e competente naquilo que se faz.

Assumi sempre o meu papel dentro e fora da escola, sempre com o respeito devido e cordialidade que a nossa posição assim o exige. Assumi sempre todas as minhas responsabilidades, inseridas num processo evolutivo, respeitando todas as opiniões e aproveitando-as para enriquecer os meus conhecimentos, relativamente a todo o processo educativo. Pede-se também ao estagiário que demonstre grande capacidade de iniciativa. Tal capacidade consegui demonstrar, intervindo sempre com muita dinâmica e, essencialmente, com a organização das duas actividades realizadas pelo núcleo de Estágio, o Corta Mato Escolar e os “Jogos sem Barreiras”. Para além destas, todos os elementos do núcleo de Estágio, participaram e colaboraram noutras actividades, alguns solicitados e outros por iniciativa própria, como Cicloturismo, arbitragem dos torneios de andebol, futebol e basquetebol.

Relativamente à assessoria do cargo de DT, em que estava previsto o acompanhamento até 15 de Janeiro, por iniciativa própria e por reconhecer uma mais-valia na minha formação, achei pertinente efectuar-la durante todo o ano lectivo, para assim enriquecer os meus conhecimentos e competências para um futuro desempenho de um cargo tão importante.

O professor orientador Fernando Leite propôs ao núcleo que desenvolvesse e criasse um poster representativo das regras, direitos e deveres dos alunos na realização das aulas de EF. Esta sugestão surgiu porque, na primeira aula de cada uma das turmas que leccionamos, entregamos um pequeno flyer que continha essa informação. Não só aceitámos a sugestão do professor, como fomos ainda mais longe aquando da elaboração do poster. Em primeiro lugar criámos um logótipo que simboliza o Núcleo de Estágio e a segunda actividade dos “Jogos sem Barreiras”, representando elementos ligados à EF e à escola; posteriormente idealizá-mos e produzimos o poster e também um conjunto de identificadores dos espaços do pavilhão gimnodesportivo (Sala dos

Professores, Bancadas, Balneário Feminino, Balneário Masculino, Arrecadação e Ginásio). Desta forma, ficará presente neste espaço de aulas a marca do nosso Núcleo de Estágio que esperamos ser indelével.

Importância do trabalho individual e de grupo

Eu considero que o trabalho individual é importante, demonstrar iniciativa e auto-avaliação do nosso desempenho de uma forma reflectiva, mas mais importante ainda, é saber estar em grupo, respeitar os outros e a opinião deles.

Este ano de EP caracteriza-se fundamentalmente pela aquisição e assimilação de capacidade que não revelava anteriormente, como a autonomia e responsabilidade que sempre foi proporcionada pelo orientador Fernando Leite, dando-nos os “instrumentos e os meios” para trabalhar com uma turma, a nossa turma.

O trabalho em grupo foi solicitado desde o início, com a produção de vários documentos. O facto dos elementos do núcleo já se conhecerem, sendo colegas de licenciatura, ajudou a criar laços de uma grande amizade que continuou a ser demonstrada neste ano. Ora, fui capaz de demonstrar que sei trabalhar em grupo, cooperando, opinando e, quando necessário, utilizando a crítica em prol do grupo e da qualidade do produto final. Quando assim é, o produto final é maior do que a soma dos trabalhos individuais. Existiu sempre um grande ambiente, entre estagiários e entre estagiários e os restantes intervenientes educativos.

A forma como desde o início aceitamos a crítica do colega, ou a sua sugestão levou-nos a melhorar bastante as nossas práticas. Todos nós tínhamos um propósito comum – Aprender a ensinar, diariamente... Cada vez mais, tornarmo-nos professores competentes. E a ajuda dos colegas foi fundamental para a minha evolução enquanto professor.

Demonstrei sempre a capacidade natural de acatar com a opinião dos outros, aproveitando-a para melhorar e dar a minha quando necessário. Pois quando se instala, no ceio de um grupo, a sinceridade e muito esforço como base de trabalho, certamente que o produto será de qualidade.

Questões dilemáticas

Com a situação actual do nosso ensino, o professor deve-se esforçar e comprometer-se em solucionar os problemas advindos da prática educativa.

No decorrer deste ano lectivo, fui-me deparando com inúmeras dúvidas, suscitando em mim algumas questões dilemática que com a prática pedagógica se foram acentuando cada vez mais.

Levanto então alguns dilemas que acho, por ventura, algo pertinentes de reflexão.

- Começando pela Divergência relacional do aluno/Sistema educativo.

Na realidade escolar que encontrei e na qual fui inserido, deparei-me com inúmeras situações de alunos completamente desmotivados, que não reconhecem qualquer valor à escola no seu processo de formação e que encorem constantemente a comportamentos desviantes, fruto evidente de alguma despreocupação familiar.

Será que as escolas têm meios para combater esta desmotivação encontrada?

Até poderão ter, mas torna-se complicado implementa-los, dadas as limitações impostas constantemente pelo nosso governo, diminuindo cada vez mais a autonomia do professor. Na escola onde desenvolvi o EP, apercebi-me de uma enorme saturação docente com esta realidade. Será que reúnem todos os esforços para colmatar esta lacuna? Alguns tentam, mas não chega.

- Adequabilidade dos programas e desempenho real que o professor desenvolve.

Apesar da importante orientação na prática educativa de cada docente, estes possuem conteúdos completamente descontextualizados e desalinhados da real actualidade escolar encontrada. Neles os níveis de proficiência são irreais para a capacidade dos alunos da nossa sociedade, tornando-se demasiado sonhadores. Cada turma é uma turma, temos que ter em conta sempre as suas características e o meio em que se inserem.

-Abordagem do Voleibol?

Na sua abordagem, deparei-me com um nível de desempenho relativamente baixo dos meus alunos. O voleibol é uma unidade didáctica muito particular, em que os alunos para obterem o mínimo de sucesso devem possuir algumas habilidades adquiridas, como sendo a realização de pelo menos o passe e deslocamentos, caso contrário, a bola irá cair sempre no solo, tornando-se assim um jogo desmotivante e não

desenvolvido de forma fluída. Para isso, no início da sua abordagem insisti muito na relação aluno/bola e na sustentação de bola, individualmente e em pares. Será pertinente, mesmo assim, a realização de jogo reduzido? Tornar-se-ia, por um lado, motivador para os alunos, mas por outro, visto não possuírem as capacidades mínimas necessários, iram certamente desmotivar-se. A estratégia que optei foi muito exercício de sustentação e, essencialmente, jogos de cooperação. Apenas numa fase posterior é que implementei a oposição.

Concluindo, realço o importante papel que estas questões tiveram no meu crescimento enquanto professor, através da intensa pesquisa realizada acerca das temáticas e da opinião dos meus pares, suscitando, à medida que cresci como professor, mais dúvidas. Cada um tem a sua ideologia e só respeitando-as e demonstrando cada vez mais interesse é que adquirimos a competência docente, mantendo-nos sempre actualizados através da importante formação contínua.

CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

Sinto-me em condições de referir que a presença do núcleo de estágio na escola foi uma mais-valia para ambos. Dadas as circunstâncias e dificuldades que passa o nosso sistema educativo actual, a incorporação do núcleo de estágio de EF na Escola Básica Castro Matos de Oliveirinha foi encarada com alguma satisfação, visto não se tratar do primeiro ano que acolhem estagiários, mas ao mesmo tempo com alguma desconfiança. Quais as vantagens da presença de um grupo de estagiários na escola? São muitas as vantagens, partindo pela implementação de ideias novas, novas metodologias de ensino, maior predisposição com os alunos, actividades inovadoras, entre outras, que muito dignificam seguramente a instituição escolar, querendo marcar sempre a diferença e deixar a sua marca positiva. Naturalmente que este impacto depende muito da dinâmica de cada núcleo de estágio.

Estarei eternamente agradecido a toda a comunidade escolar, que nos acolheu e recebeu muito bem. Sem eles e a sua colaboração, o estágio teria certamente menos impacto na minha vida.

A assessoria ao DT realizada por mim, permitiu-me conhecer o perfil e tarefas a realizar pelo cargo, como serviu para conhecer “o outro lado dos alunos”, que me fez aproximar ainda mais de todos eles, criando laços de amizade, mas ao mesmo tempo de respeito pelo trabalho desenvolvido e responsabilidade. Neste acompanhamento, assumi um papel extremamente importante, imprescindível à DT, à qual são atribuídas poucas horas semanais para resolver todos os problemas que foram semanalmente, ou mesmo diariamente, descritos pelos professores da turma. Utilizando muito o diálogo com os alunos e aproveitando a idade tenra que ainda possuo, fiz-lhes perceber que basicamente há momentos para tudo, momentos para brincar e de descontração e outros momentos que são para trabalhar.

Como já foi mencionado num tópico anterior do presente relatório, as actividades tiveram grande impacto, nomeadamente a segunda, pois o Corta Mato escolar, apesar de ter-mos utilizado estratégias próprias, criadas pelo núcleo de estágio, realiza-se todos os anos. Na segunda, conseguimos deixar categoricamente a nossa marca na escola e nos alunos que nela participaram (mais de duzentos), não sendo

normal tanta mobilização nesta escola, visto tratar-se de uma actividade com jogos desconhecidos por toda a população escolar.

Foi fantástico ver o entusiasmo com que os alunos jogavam o “Jogo do Beto”, deixando por momentos os JDC, que normalmente fazem as delícias dos alunos nos intervalos. Foi criado tanto impacto, que até os funcionários jogaram. Esta passagem pela escola do núcleo de estágio também se caracteriza pela sempre boa disposição e total disponibilidade na colaboração e organização de diversas actividades. O impacto que deixamos foi, sem dúvida, uma imagem clara de união e sociabilidade, não só com os nossos alunos, mas em toda a comunidade estudantil da escola. Atrevo-me a dizer que certamente, este foi o núcleo de estágio que mais proximidade teve com todos os alunos, ficando, naturalmente, momentos inesquecíveis e terminando com a sensação de dever cumprido.

Prática pedagógica supervisionada

Sem a supervisão e orientação do Professor Fernando Leite dificilmente chegaria aos patamares alcançados. Esta supervisão da prática pedagógica assume-se como imprescindível para a formação do professor estagiário, orientando toda a acção pedagógica deste, que inicia este processo de profissionalização com muitos receios e incertezas, reconhecendo todas as lacunas advindas da sua formação inicial, com escassez de prática lectiva, colmatada pela vivência de carácter fundamentalmente prático no EP, contribuindo para a aquisição de competências necessárias para a leccionação da EF.

Esta supervisão ajudou-me a identificar as dificuldades sentidas e ultrapassar essas mesmas dificuldades, principalmente no início deste processo, contribuindo de uma forma activa e permanente na minha formação e desenvolvimento de capacidades e competências fundamentais para a prática docente.

A relação próxima que se criou entre o orientador e os estagiários é fundamental para o sucesso do processo. Segundo Piéron (1996), *“Pode admitir-se que as relações entre o orientador de estágio e o estagiário se assemelham às do mestre e do aprendiz, nas quais o primeiro põe a sua experiência e o seu conhecimento dos alunos ao serviço do segundo que tenta utilizar ao máximo a teoria adquirida durante a sua formação.”*

Não menos importante, foi o papel desempenhado pela supervisão da orientadora Elsa Silva, que me ajudou imenso, fazendo-me pensar nas suas intervenções relativas às reflexões críticas das aulas observadas, bem como da disponibilidade que sempre premiou no esclarecimento de dúvidas ao longo de todo o ano.

Experiência pessoal e profissional

O esforço e dedicação foram imenso, mas valeu a pena. Foi um ano de grande aprendizagem, complexidade e de vivências.

Este ano de estágio permitiu-me adquirir novos conhecimentos e desenvolver competências diárias que me permitem encarar o futuro de uma outra forma.

Através da minha participação sistemática na escola, tive a oportunidade de conhecer, de uma forma pormenorizada, a sua funcionalidade sob os seus diversos aspectos que sempre despertou em mim um grande entusiasmo e curiosidade, desenvolvendo, desta forma, o meu interesse em aprender cada vez mais e estimulando o meu espírito reflectivo e capacidade criativa e inovadora.

A experiência pessoal foi fantástica, fruto do bom relacionamento sempre existente na comunidade escolar, com todos os colegas docentes, funcionários, alunos, orientadores e elementos da direcção.

As relações ficaram seguramente marcadas para o resto da vida, demonstrando sempre um grande espírito de entajuda, em prol do bom funcionamento da escola e dos nossos alunos, que são o futuro da nossa sociedade.

Prevaleceu a excelente relação com todos os alunos, fruto da convivência fora de aula, sentindo-nos completamente integrados.

O EP assume-se com um grande valor profissional na aquisição de valores e atitudes, girando à volta dos conceitos de saber estar, saber ser e saber respeitar.

Em forma de conclusão, o EP permitiu-me alargar os meus horizontes e desenvolver capacidades que até então não se evidenciavam no meu dia a dia.

Penso que adquiri um claro entendimento de todo o processo de planeamento, que é fundamental para a realização de uma prática pedagógica coerente e de qualidade. Foi também importante olhar para as dificuldades sentidas como desafios, potenciadores da minha aprendizagem e dos alunos.

O estágio é o fim de um ciclo de formação e o início de uma carreira profissionalizante, onde o estagiário tem oportunidade de enriquecer não apenas o conhecimento prático mas também teórico. Assim, encarei o estágio como um desafio em que perspectivava:

- Construir um conjunto vasto de saberes em diferentes modalidades, alargando o meu leque de opções, indo além das modalidades tradicionais;

- Construir uma base sólida de conhecimentos para poder vir a enfrentar os desafios inerentes aos primeiros anos de carreira;
- Cativar os alunos para o processo de ensino-aprendizagem; realizar um planeamento coerente em relação aos saberes da Educação Física e aos saberes transversais em educação;
- Adaptar-me às características da minha turma e tomar as decisões necessárias para promover um ensino eficaz e assegurar o controlo, o respeito e a disciplina dos alunos.

A realização do Estágio Pedagógico no término deste ciclo de estudos foi a etapa mais importante da minha formação, nele cresci profissionalmente, pois foram inúmeros os conhecimentos que adquiri.

REFERÊNCIAS

Referências Normativas

Lei 14/86, de 14 de Outubro [Lei de Bases do Sistema Educativo]

Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro [Regime Jurídico da Formação Contínua do Pessoal Docente]

Despacho Normativo n. 1/2005, de 5 de Janeiro [Avaliação das aprendizagens]

Decreto-lei n. 3/2008, de 7 de Janeiro [Apoios especializados]

Referências documentais

Direcção Geral do Ensino Básico (2001). *Programas nacionais de educação física escolar (reajustamento)*. Pág. 4 a 34. **Ministério de educação, Lisboa.**

Projecto Educativo 2009-2013. A Comunidade na Escola e a Escola na Comunidade. Agrupamento de Escolas de Oliveirinha

Regulamento Interno da Escola Básica Castro Matoso 2010-2011

Plano Anual de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso

Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo. In I. Alarcão (Ed), Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão (pp.171-189). Porto: Porto Editora

Albuquerque, A. (2003). *Caracterização das Concepções dos Orientadores de Estágio Pedagógico e a sua Influência na Formação Inicial em Educação Física*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

BENTO, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte, Lisboa

BENTO, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, Lisboa

Britzman, D.P. (2003). *Practice makes practice: A critical study of learning of teach*. Albany, NY: States University of New York Press

Gillborn, D. (1993). *Dimensions of Discipline. Rethinking Practice In Secondary Schools*, HMSO, DFE, London.

Good, T. L.; Brophy, J. (1994). *Management I: preventing Problems Looking in Classroom (6th Edition)* Michigan State University, pp. 128-158.

MASLOW, A. *The Farter Reaches of Human Nature*. New York: The Viking Press, 1991.

Oliveira, J. (1991). *Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”*. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP. Porto.

Oliveira, M. T. (2002). *A Indisciplina em Aulas de Educação Física. Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física dos 2º e 3º ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior Politécnico de Viseu. Viseu.

Pacheco, J. (2008). *O professor do futuro será assim*. Consult. 20 Maio 2010, disponível em <http://diario.iol.pt/tecnologia/educacao-professor-tecnologia/998513-4069.html>

Pereira, P. (2006). *Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto.

Piéron, Maurice (1996). *Formação de Professores – Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Edições FMH. Lisboa.

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*. (7.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

SIEDENTOP, D. (1983). *Developing teaching skills in Physical Education*. 2 e., Ohio: Mayfield Publish Company,.

Silva, E.; Fachada, M.; Nobre, P. (2010). *Guia das unidades curriculares dos 3º e 4º semestre 2010-2011*. Coimbra

Rodrigues, A. (2001). A formação de formadores para a prática na formação inicial de professores. Comunicação apresentada no Seminário Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Schön, D. (1987). *Educating the reflective practitioner*. São Francisco: CA Jossy-Bass

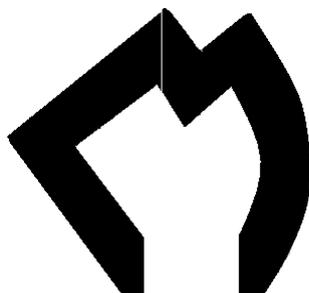
SCRIVEN, M. S. *The methodology of evaluation. Perspectives of curriculum evaluation*. Chicago: Rand McNally, 1967.

SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Barcelona: Inde.

Tavares, P. (2004). *Representação dos Professores acerca dos Comportamentos de Indisciplina na aula de Educação Física. Estudo Comparativo entre Professores Experientes e Inexperientes*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

ANEXO

ANEXO 1 - FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO



Escola E.B. 2, 3 Castro Matoso – Oliveirinha

FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO

Ano Lectivo 2010/2011

1) Identificação

Nome do Aluno: _____ N.º: _____

Ano: _____ Turma: _____ Data de nascimento: ___/___/____ Idade: _____

Morada completa: _____

Código Postal: _____ - _____ Localidade: _____ Concelho: _____

Telemóvel: _____ E-mail: _____

2) Identificação do Agregado Familiar

Nome do pai: _____

Idade: _____

Habilitações académicas: _____ Profissão: _____

Nome da mãe: _____ Idade: _____

Habilitações académicas: _____ Profissão: _____

Nome do Encarregado de Educação: _____

Grau de parentesco com o aluno: _____

Qual é a composição do teu agregado familiar (com quem vives)?

Grau de parentesco	Nome	Idade	Habilitações académicas	Profissão

3) Habitação

Gostas do local onde vives? Sim Não Tens quarto próprio? Sim Não

Em casa tens: Computador Internet TV no quarto

4) Meio de transporte utilizado para as deslocações para a Escola

Qual o meio de transporte que utilizas para vires para a Escola?

A pé Transporte familiar Transporte público Motociclo

Bicicleta Outro(s) Qual/Quais? _____

Quanto tempo demoras na deslocação Casa-Escola (minutos)? _____

Distância de casa à Escola: Menos de 2 Km 2 a 5 Km Mais de 5 Km

5) Alimentação

Que refeições fazes diariamente?

Pequeno-almoço Lanche da manhã Almoço

Lanche da tarde Jantar Ceia

Que bebidas costumavas tomar às refeições?

Água Leite Refrigerantes/Sumos Bebidas alcoólicas

Que tipo de alimentação fazes?

Pouco Variada Variada Muito variada

Que alimentos consumes com maior frequência?

Sopas Saladas Batatas fritas Fruta

Doces Carne Peixe Leite
Pão Pizzas Hambúrgueres Legumes

6) Saúde

Tomas regularmente algum medicamento? Sim Não

Qual/Quais? _____

Tens alguma problema de saúde permanente que dificulta a prática de actividade física?

Sim Não Qual/Quais? _____

7) Repouso

Durante a semana:

A que horas te deitas normalmente?

Antes das 21h30 Entre as 21h30/ 22h30 Após as 22h30

A que horas acordas normalmente?

Antes das 7h Entre as 7/8h Após as 8h

8) Relação Aluno/Escola

Há quantos anos frequentas esta Escola? _____

Quais os aspectos que te agradam mais nesta Escola? _____

Quais os aspectos que te agradam menos nesta Escola?

Quais são as suas disciplinas preferidas?

Quais são as disciplinas em que tens mais dificuldades?

Entendes que os trabalhos de casa (TPC) devem ser realizados:

Em casa Na Escola Outro Qual? _____

Tiveste aulas de Educação Física no 1.º Ciclo? Sim Não

10) Organização dos tempos extra-escolares

Quanto tempo, por dia: - utilizas a internet (minutos)?

- vês televisão (minutos)? _____

Como costumavas passar os teus tempos livres?

Ajudar os teus pais Em quê? _____

Ir ao cinema De que tipo? _____

Praticar desporto Qual (quais)? _____

Estudar

Ler O quê? _____

Ouvir música Que música? _____

Passear Passear para onde? _____

Jogar computador Que jogos? _____

A ver televisão O quê? _____

Outros Qual? _____

Frequentas alguma destas actividades extracurriculares?

Desporto Música Escola de línguas Outra(s) _____

11) Dados desportivos

Já praticaste alguma modalidade desportiva a nível federado?

Nunca Já pratiquei Ainda pratico Qual/Quais? _____

12) Dados relativos à disciplina de Educação Física

Há alguma modalidade (desporto) que gostasses de praticar? Sim Não

Qual? _____

Costumas tomar banho no final da aula? Sim Não

Porquê? _____

Obrigado pela tua colaboração!

ANEXO 2 - PLANEAMENTO ANUAL DE TURMA

Previsto

EXTENSÃO DAS UNIDADES DIDÁCTICAS DIOGO ASSUNÇÃO 7ªA												
Dia	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho		
1	Setembro		Dia de Todos os Santos	Restauração da Independência	Dia de Ano Novo				Dia do Trabalhador			
2				BASQ					PAT	PAT	ATL	
3						GIN	GIN	GIN	PAT			
4			CF	CF	BASQ				FUT	FUT		
5			Implantação da República							ATL		
6					GIN	GIN	CF				ATL	ATL
7			CF				VOL	VOL				
8				GIN	GIN	Dia da Imaculada Conceição			Carneval			
9					BASQ						DAN	DAN
10						FUT	FUT	VOL	FUT		Dia de Portugal	
11			BASQ	BASQ	BASQ							
12										DAN		
13					VOL	CF	FUT				ATL	ATL
14			BASQ				FUT	FUT	GIN	FUT		
15				VOL	VOL							
16		Apresentação			Corta - Mato					ATL	ATL	ATL
17					GIN	GIN	FUT	FUT				
18		BASQ	BASQ	BASQ								
19									ATL			
20	FUT	ATL			FUT							
21		BASQ				VOL	VOL	PAT	PAT			
22			GIN	GIN								
23	BASQ							Sexta - Feita Santa				
24					VOL	VOL	PAT	PAT	Pácos			
25		GIN	GIN	VOL	Natal			Dia da Liberdade				
26									ATL			
27	GIN SOLO	GIN APA			VOL							
28		GIN				GIN	GIN	GIN	GIN	CF		
29			BASQ	BASQ								
30	VOL								PAT	PAT		
31					GIN	GIN		GIN				

Apresentação	Voleibol	GIN. Aparelhos	Basquetebol	Dança
CF - Fitnessgram	Atletismo	GIN. Solo	Patinagem	Futebol

PP1 – Projectos e Parcerias (Actividade 1/Corta-Mato) | PP2 – Projectos e Parcerias (Actividade 2/“Jogos sem Barreiras”)

	SEG				TER				QUA				QUI				SEX				Datas	
	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	Início	Fim
09:00	7º B		NEE							7ºB(Dan)			9º B			8º C	9º SM			6º B	04-Out	08-Out
09:45	7º B				9ºA					7ºB(Dan)			9º B			8º C	9º SM			6º B	02-Nov	05-Nov
10:50	8º D		5º B	7º A		8ºB (Dan)			9º C	8ºC(Dan)		6º A			NEE		9ºA	9ºB(Dan)	5º C		29-Nov	03-Dez
11:35	8º D		5º B	7º A		8ºB (Dan)			9º C	8ºC(Dan)		6º A			NEE		9ºA	9ºB(Dan)	5º C		10-Jan	14-Jan
12:25	9º C			8º B	9ºB			8º C			5º C	6º D	7º B	9ºB(Dan)		7ºA	8º D		5ºA	6º A	07-Fev	11-Fev
13:25																					10-Mar	11-Mar
14:25		6º D	5º A	8º A			6º B	7º C		7ºC(Dan)		8º B		9ºA(Dan)		7º C			6º C		04-Abr	08-Abr
15:10		6º D	5º A	8º A		6º C		7º C		7ºC(Dan)		8º B		9ºA(Dan)	5º B				6º C		16-Mai	20-Mai
16:05		DE	DE							DE		8º A							9ºA(Dan)		13-Jun	17-Jun
16:50		DE	DE							DE	DE											
17:35										DE	DE											

LEGENDA:	José Teixeira	José Carlos	Fernando Leite	Paula Dias	Lúcia Rocha	1 - PAVILHÃO	2 - GINÁSIO	3 - EXTERIOR	4 - EXTERIOR
	NOTA 1 - Espaços interiores ocupados mantêm-se; Espaço mais alto, do exterior, passa para o espaço interior.								
	NOTA 2 - Aulas de opção de DANÇA só se podem realizar nos espaços 1 e 2.								

ANEXO 4 – EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS

Exemplo

EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS											
1/2º Período											
UNIDADE DIDÁCTICA: <i>VOLEIBOL</i>											
Aula nº:	1	2/3	4	5	6/7	8	9/10	11	12/13		
Data	30/09	15/11	25/11	13/12	24/01	27/01	21/02	24/02	21/03		
Conteúdos:											
Passe de Frente	AD	I	E	E	E	E	AF	C	C	AS	AS
Deslocamentos e posição base		I	E	E		E	AF	C	C	AS	AS
Serviço por Baixo	AD					I	AF	E	C	AS	AS
Serviço por Cima	AD					I	AF	E	C	AS	AS
Manchete	AD	I	E			E	AF	C	C	AS	AS

LEGENDA:

AD	Avaliação Diagnóstica	AF	Avaliação Formativa	AS	Avaliação Sumativa
I	Introdução	E	Exercitação	C	Consolidação
		AT	Avaliação Teórica		

ANEXO 5 – PLANO DE AULA

PLANO DE AULA				
ANO/ TURMA:	DATA:	HORA:	DURAÇÃO:	PERÍODO:
ESPAÇO N.º:	AULA N.º:	AULA DA UD:	DE UM TOTAL DE:	N.º DE ALUNOS PREVISTO:
UNIDADE DIDÁCTICA:	FUNÇÃO DIDÁCTICA:		PROF. ESTAGIÁRIO:	
SUMÁRIO:				
OBJECTIVOS:				
RECURSOS MATERIAIS:				

Tempo		Tarefa/ Situações de Aprendizagem/objectivos específicos	Estratégias de Organização	Objectivos Operacionais	Critérios de Êxito
Par.	Acum.				
		Parte Inicial			
		Parte Fundamental			
		Parte Final			

ANEXO 6 – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

FICHA DE REGISTO DE DADOS DE OBSERVAÇÃO DE AULA

ESCOLA: BÁSICA CASTRO MATOSO - OLIVEIRINHA

PROFESSOR ESTAGIÁRIO:

OBSERVADOR: DIOGO ASSUNÇÃO

PROFESSOR ORIENTADOR: PROFESSOR FERNANDO LEITE

UNIDADE DIDÁCTICA:

DATA:

Partes da Aula	Categorias	1	2	3	4	Observações
Parte Inicial	Prelecção Inicial	Sem conteúdo pedagógico	Define objectivos <u>ou</u> identifica o contexto	Define objectivos e, identifica o contexto <u>ou</u> apresenta o modelo	Define objectivo e identifica o contexto; Apresenta o modelo	
	Comportamento do Professor	Inicia a aula falando para os alunos que por iniciativa própria ficaram junto do professor	Não tem os alunos todos no seu campo de visão	Tem os alunos todos no seu campo de visão mas nem todos atentos à sua mensagem	Tem os alunos todos no seu campo de visão e atentos à sua mensagem	
Parte Fundamental	Prelecção	Apresenta a tarefa	Apresenta a tarefa correctamente e alguns aspectos inerentes (condições de realização <u>ou</u> componentes críticas) <u>ou</u> critérios de êxito <u>ou</u> objectivo	Apresenta tarefa correctamente e todos os aspectos inerentes (Condições de realização, componentes críticas, critérios de êxito e objectivo)	Apresenta tarefa e condições de realização, componentes críticas, critérios de êxito e objectivo. Questiona compreensão; Reformula informação	
		Discurso audível e claro mas sem conteúdo	Discurso audível, claro, sequente, mas frágil cientificamente	Discurso audível, claro, sequente e cientificamente correcto	Discurso audível, claro, sequente, cientificamente correcto e económico	
	Feedback	Apresenta uma frequência de FB muito baixa e só reforça	Apresenta uma frequência de FB adequada mas não fica pra observar o efeito	Apresenta uma frequência de FB adequada, ficando, na maioria das vezes, a observar, dando novo FB, se necessário	Completa sempre os ciclos de FB	
		Não consegue identificar os erros pelo que não dá FB ou dá errado	Identifica o erro mas tem dificuldade em encontrar o FB apropriado	Identifica o erro, dá FB correcto e no momento certo. Revela preocupação em variá-lo mas ainda não é consistente	Identifica o erro e dá FB correcto e no momento certo. Varia os tipos de FB apropriando-os às situações	
	Demonstração (Total ou Parcial)	Demonstra frequentemente de forma incorrecta ou incompleta	Demonstra correctamente mas apresenta apenas o modelo	Apresenta o modelo correctamente, reforçando as componentes críticas e as condições de realização	Apresenta o modelo a um ritmo lento, reforçando as componentes críticas, e repete-o ao ritmo normal e nas devidas condições de realização	
	Comportamento do Professor	Não revela consciência sobre a sua deslocação e posicionamento	Revela preocupação sobre a deslocação e posicionamento mas não consegue fazê-lo correctamente durante a aula	Desloca-se e posiciona-se correctamente durante toda a aula	Desloca-se e posiciona-se correctamente durante toda a aula. "Varre" a turma com o olhar e intervém à distância.	
Parte de Encerramento	Prelecção Final	Revê conteúdos	Revê conteúdos Questiona compreensão	Revê conteúdos Questiona compreensão Realiza extensão	Revê conteúdos Questiona compreensão Realiza extensão Solicita opinião Motiva para a aula seguinte	

	Comportamento do Professor	Termina de forma precipitada ou sem controlar a turma	Não reúne a totalidade dos alunos ou não os tem todos no seu campo de visão	Reúne todos os alunos no seu campo de visão mas nem todos atentos à mensagem	Reúne todos os alunos no seu campo de visão, mantendo-se todos atentos e participativos	

Partes da Aula	Categorias	1	2	3	4	Observações	
Decurso da Aula	Gestão do Tempo de Aula	Controla o início e o final da aula	Controla o tempo das partes da aula	Controla o tempo das partes e das tarefas de aula	Controlo total dos tempos de aula		
	Clima da aula	Relação Professor-Aluno	Clima negativo: Gritos; frieza; zanga; repreensões constantes; faltas de respeito; etc.	Clima neutro: Indiferença; Ausência de afectividade; Pouca disponibilidade em ouvir os alunos; Pouca receptividade às suas propostas	Clima positivo: Revela carinho e respeito pelos alunos mas não total confiança	Clima relacional professor-aluno totalmente positivo em que a amizade, o respeito e a confiança são totais	
	Relação Aluno-Aluno	Clima negativo: Desentendimentos constantes e incompatibilidade entre grande parte dos alunos da turma	Clima neutro: Indiferença; falta de relacionamento entre colegas dificultando o trabalho de equipa.	Clima positivo: relacionamento na maioria positivo; desentendimentos pontuais e pouco importantes	Clima relacional totalmente positivo entre alunos		
	Disciplina	Aula caótica e/ou com incidentes graves	Incidentes de média importância	Incidentes pouco importantes	Aula sem incidentes		
	Decisões de ajustamento	Percebe a necessidade de ajustar mas não o faz por não saber como	Consegue ajustar em situações muito simples que não exijam grande reflexão ou grandes alterações	Denota capacidade de reflexão no decurso da aula e pertinência nas decisões de ajustamento	Evidencia uma capacidade excepcional de reflectir e ajustar as situações que o leva a tomar sempre as decisões de ajustamento		
	Regras de Segurança	Utiliza instalações ou materiais, que colocam em risco a integridade física do aluno	Utiliza instalações ou materiais de forma imprópria para a prática das modalidades	Utiliza correctamente as instalações e materiais disponíveis	Ótima utilização e rentabilização de espaços e materiais		
Dispõe materiais, propõe tarefas ou deslocações, de risco		Dispõe materiais, propõe tarefas ou deslocações, impróprias ou inúteis	Preocupa-se com a segurança, podendo apresentar, pontualmente, algum desajuste relativo a uma tarefa, material ou deslocação	Preocupa-se e obedece a todas as regras e segurança			

LEGENDA:

O preenchimento desta ficha de registo deve ser feito colocando uma cruz, que poderá ser:

- 1- **Na célula do centro** – quando esta corresponde inteiramente ao nível demonstrado pelo estagiário;
- 2- **Na célula da esquerda** – se o comportamento ainda não está totalmente conseguido;
- 3- **Na célula da direita** – no caso de aquele nível estar totalmente conseguido mas ainda não ter conseguido corresponder inteiramente ao nível seguinte, excepto no nível 4, onde a sinalização no centro já indica que o estagiário alcançou o máximo.

A ausência do comportamento implica a colocação da cruz sobre o lado esquerdo da coluna 1.

A demonstração de um comportamento perfeito em cada categoria, implica a colocação da cruz sobre o centro da coluna do nível 4.

Quanto mais para a direita se colocarem as cruzes, melhor é o desempenho do estagiário observado.

ANEXO 7 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Nº	Nomes	Conteúdo														
		NR	R	RB												
1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																
14																
15																
16																
17																
18																
19																
20																
21																

NR - NÃO REALIZA R – REALIZA RB – REALIZA BEM
--

